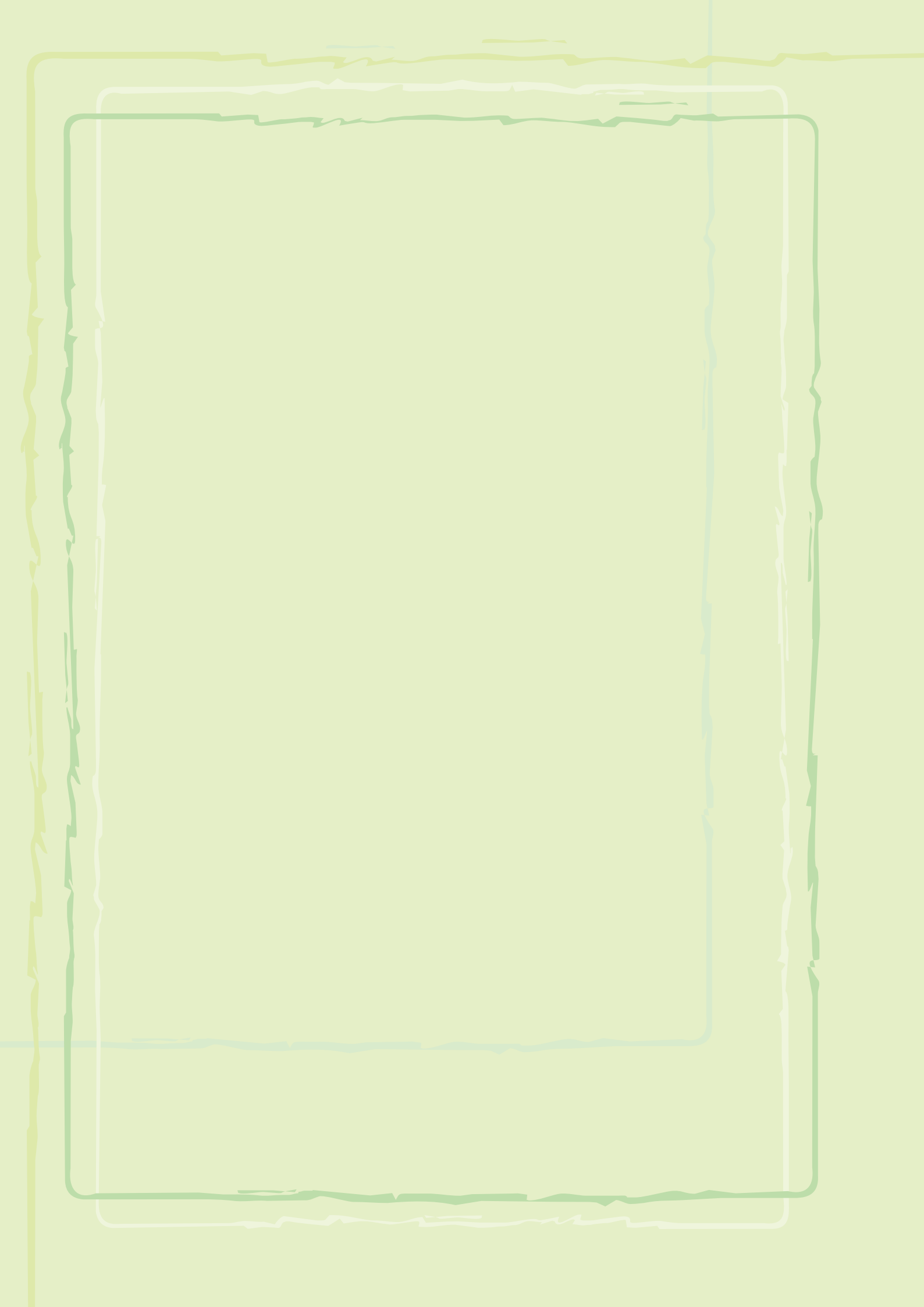


Manejo Agroecológico

para enfrentar a desertificação
e as mudanças climáticas



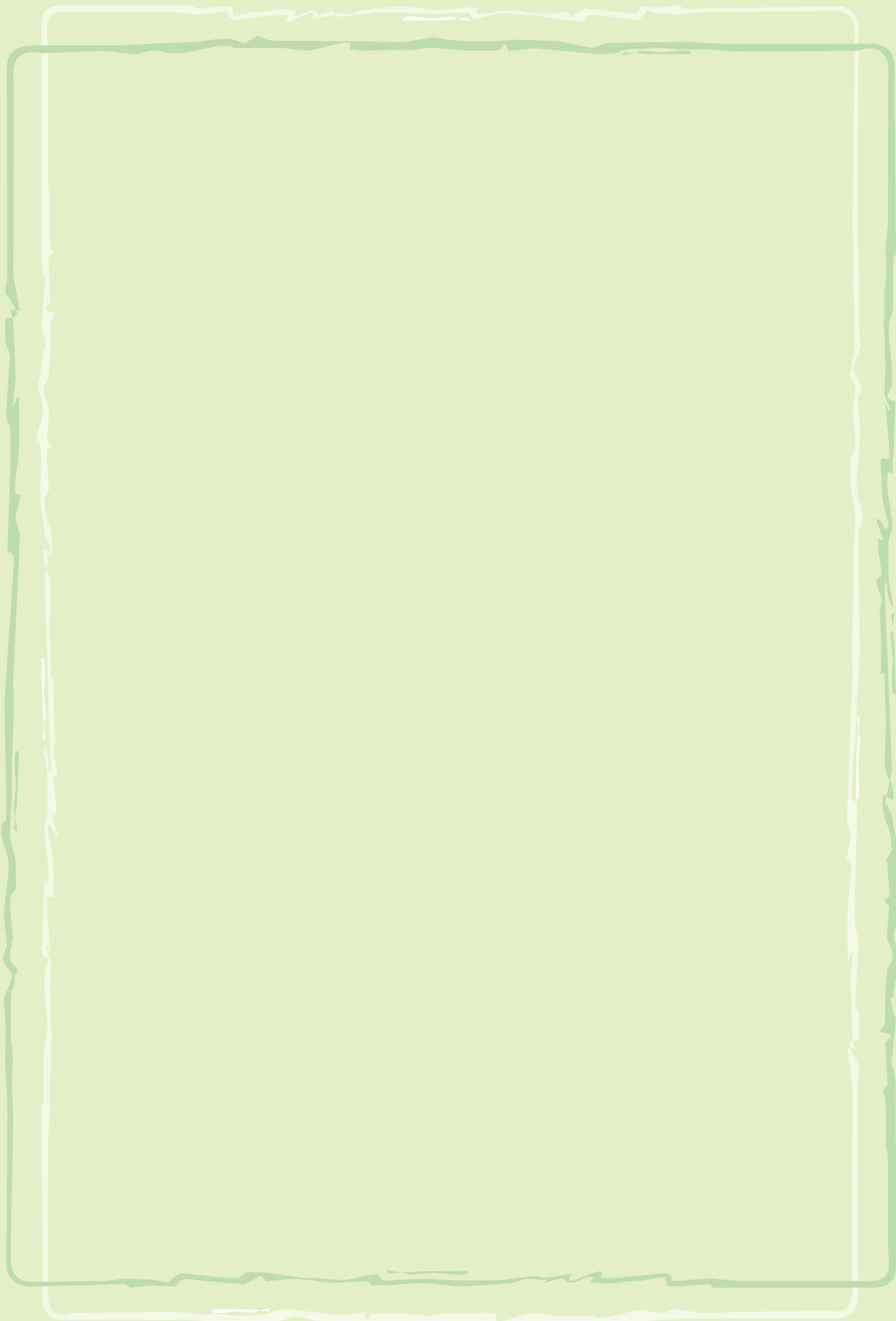
IV Caderno de Experiências



Manejo Agroecológico

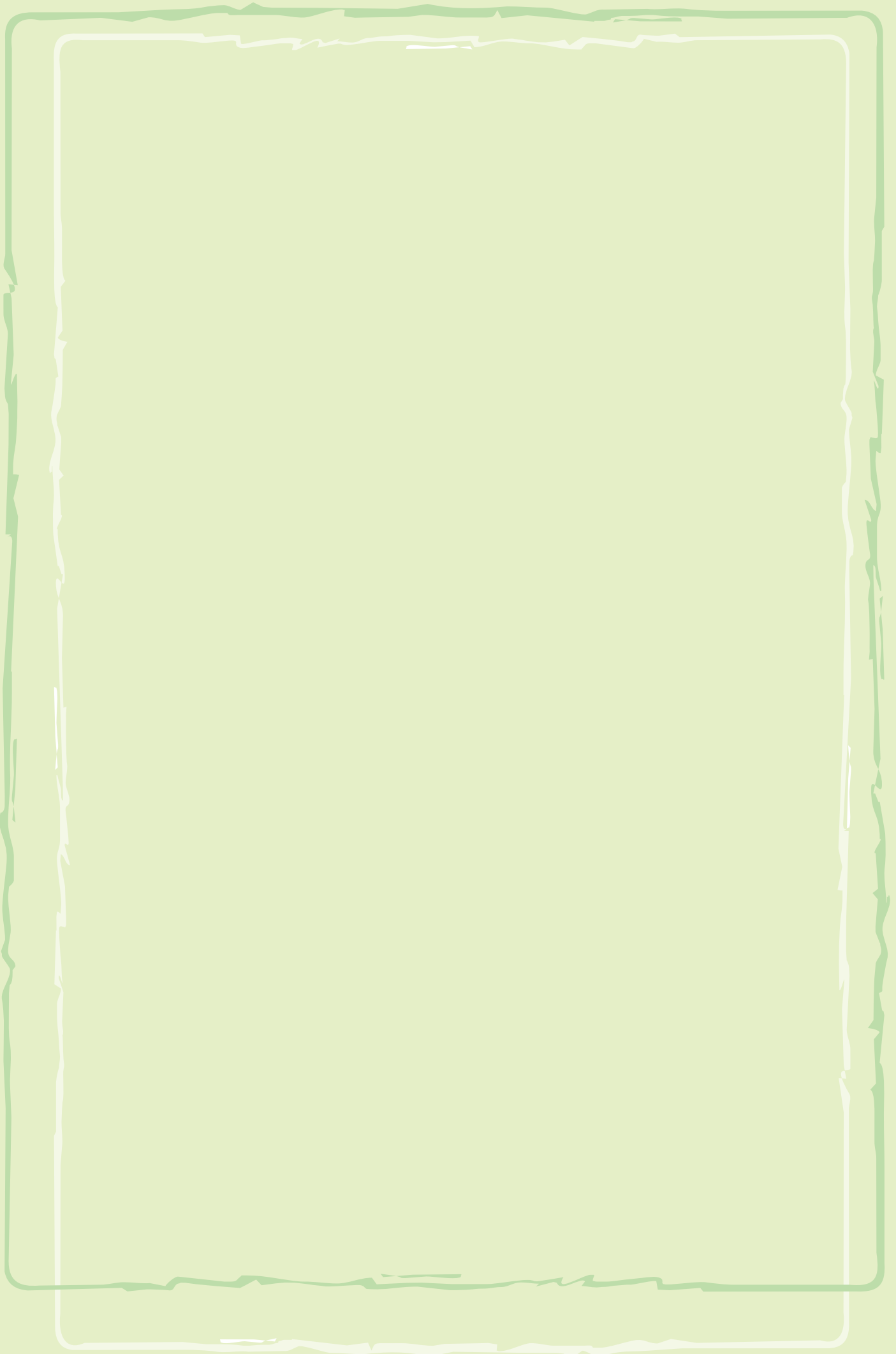
**para enfrentar a desertificação
e as mudanças climáticas**

IV Caderno de Experiências



Sumário

Estratégias de convivência com o Semiárido	
Um novo jeito de viver e produzir	08
Recaatingamento. Você conhece?	11
Pajeú: menos desertos e mais árvores	16
Transformando a paisagem e a vida	20
Mulheres e produção coletiva de alimentos	
Mulheres que produzem e preservam	24
Mais uma vitória das trabalhadoras rurais	27
Ensinando a fazer renda com polpas de frutas	30
Agrofloresta gera vida, renda e esperança	33
Preservação do Meio Ambiente	
Com Agrofloresta, toda terra é boa	38
Um caso de amor com a fauna e a flora	41
Seis comunidades, três jovens e uma esperança	44
Uma comunidade protegida dos castigos do tempo	47
Agroecologia faz a diferença na Zona da Mata	52
Formação em Agroecologia e Segurança Alimentar	
Um manejo agroecológico que faz muito sucesso	56
No Ceará, agroecologia avança com intercâmbio	59
Agradecimento	62
Expediente	63
Missão e endereços institucionais	64



Apresentação

O Caderno de Experiências “Manejo Agroecológico para Enfrentar a Desertificação e as Mudanças Climáticas” foi idealizado a partir da articulação em rede e parceria entre as organizações Centro Sabiá, CAATINGA, CETRA, SASOP, IRPAA, MOC, ASPTA e Diaconia. Essas organizações fazem parte da ASA - Articulação Semiárido Brasileiro, e da ANA - Articulação Nacional de Agroecologia. Tais organizações têm o mesmo perfil de trabalho nas regiões espalhadas pelo Nordeste, e têm se preocupado com os processos de desertificação que estão intensamente centrados na região semiárida. Logo, essas organizações desenvolvem um conjunto de ações a partir da agroecologia, pois acreditam que ela seja um caminho concreto para evitar os efeitos da desertificação e mudanças climáticas.

Nas páginas seguintes, serão apresentadas experiências de famílias agricultoras que mudaram suas vidas a partir da conscientização ambiental, do trabalho coletivo e organização, preservação da natureza e convivência de maneira harmônica com o ambiente. São casos reais, mostrando como essas famílias contribuíram para a diminuição da desertificação e enfrentamento das mudanças climáticas. O tema desta publicação dialoga com o debate fomentado pela Organização das Nações Unidas (ONU), que elegeu a década de 2010-2020 para os Desertos e Luta contra a Desertificação. Este caderno apresenta experiências de jovens, mulheres e famílias agricultoras que lutam diariamente para o enfrentamento destes efeitos, a partir de ações concretas de melhoramento do uso da terra.

Sabemos que se trata de uma ação multidisciplinar, que pode fomentar estudos relacionados a diversos aspectos como as questões ambientais (tanto do ponto de vista da degradação como da preservação), formas de manejo dos agroecossistemas, percepções sobre os biomas, clima, nos diferentes territórios onde estão inseridas as experiências. Este instrumento pode ser utilizado ainda para estimular reflexões e debates sobre aspectos linguísticos, a partir das falas das famílias agricultoras que carregam fortemente seus sotaques e suas expressões regionais de falar; sobre tamanhos das propriedades, que podem fomentar o estudo de cálculos, e também sobre a distribuição de renda em nosso país, se fizermos relações entre o tamanho das propriedades dessas experiências e as grandes áreas de latifúndio. Pode-se, ainda, debater sobre diversidade de plantas, sementes, manejo sustentável do solo e da água.

Outro assunto importante e muito atual é a questão da sucessão rural. Algumas experiências demonstram claramente o envelhecimento do campo e os/as educadores/as podem se utilizar disso para fortalecer o

debate. Acreditamos que este material abre um leque grandioso de estudos e diálogos, que dentre outras coisas, contribuirá para uma reflexão crítica sobre o papel dos homens e das mulheres no ambiente. E como algumas ações, aparentemente isoladas, podem fazer a diferença para uma vida verdadeiramente sustentável. E ainda, que este instrumento possa contribuir verdadeiramente para uma educação ambiental contextualizada dentro e fora do ambiente escolar, servindo como subsídio para efetivação de ações para o bem comum, em prol de um mundo melhor.

São caminhos abertos para que possamos tecer uma rede de autonomia e sustentabilidade, alimentando a consciência em busca do desenvolvimento econômico, social e ambiental como novo paradigma para a vida do planeta.

Boa leitura!

Estratégias de convivência com o Semiárido



Um novo jeito de viver e produzir

Maria das Graças e seus caprinos: maior produtividade



Agricultora reaproveita os recursos naturais de sua terra, e diversifica sua produção

Maria das Graças é mais conhecida como Gracinha. Ela mora há trinta anos com o marido Ranulfo no Sítio do Girau, lá em Remanso, no estado da Bahia. Eles têm três filhos e cinco netos. Há mais de três décadas, Gracinha e Ranulfo se dedicam à sua terra. Tudo o que tem ali foi plantado e construído com seu suor, pelo trabalho de suas mãos.

Gracinha não é uma agricultora convencional, pois gosta de fazer experimentos na produção. Em 2001, ela começou a conviver de outra maneira com a natureza do Semiárido. Gracinha passou a usar a chamada “diversidade produtiva”, combinando roçado, horta, criação de animais e produção de mel num mesmo sistema.



Diversidade produtiva: mais cultivos geram mais renda



Sua rotina começa antes das 5 da manhã, quando ela acorda para dar de comer às galinhas, patos e porcos. Só depois é que ela toma seu café, e segue para a casa da cunhada. Lá, também, é Gracinha quem lida com a criação. Quando volta para seu sítio, ela vai cuidar de suas cabras. Tira o leite, dá remédio quando precisa, separa as leiteiras, capricha no cuidado dos caprinos. Ela mesma prepara a ração numa máquina forrageira, misturando feno com palma, leucena, maniva, mandioca, favela e malva. Em época de estiagem longa, até mandacaru entra na composição.

Gracinha gosta de estocar alimento para os animais, e sempre armazena água em cisternas. Para que não falte água na propriedade, ela reserva em tanques de pedra e até em garrafas plásticas. Tem quase seis mil litros armazenados em embalagens reaproveitadas. Gracinha só usa dessa água quando realmente precisa. “Desperdício é uma palavra que não tem no meu dicionário”, diz ela.

O alimento que ela produz é cultivado em hortas agroecológicas. E serve para tanto para o consumo do sítio, como para a venda. Gracinha não usa agrotóxicos, pois sabe que eles destroem a qualidade do ambiente. E nem faz queimadas quando vai abrir uma roça ou plantar algum capim. Ela cultiva feijão, milho, mandioca, macaxeira, melancia, abóbora, gergelim, hortaliças, coentro, cebolinha, cenoura, beterraba, couve, pepino, entre outros alimentos. E se orgulha de sua produção limpa.

“Aqui a gente se garante. A criação de caprinos completa a renda da família. E com o leite de cabra, a gente produz queijo, manteiga e doce.

Tudo o que a gente não consome, vai para a venda – incluindo carne, leite, couro e até o que sobra de esterco”, explica a agricultora.

Gracinha conta com apoio de um projeto do Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais, o SASOP. Através dele, conseguiu construir uma sala de ordenha, melhorando a higiene e manejo dos caprinos. Para alimentar seus animais, ela prepara forragens bem balanceadas, usando vegetação nativa da caatinga.

E ao longo de tantos anos de trabalho, dona Gracinha aprendeu a fazer de tudo no sítio. “Quando vou ao chiqueiro, levo minha maleta com remédios veterinários e remédios caseiros. Eu mesma ajudo nos trabalhos de parto, corto os umbigos, faço a castração, aplico as vacinas e os medicamentos. Vivendo no campo, a gente tem que saber se virar”, conta Gracinha.

De fato, essa agricultora aprendeu uma série de técnicas inovadoras. Ela sabe castrar bodes e cabritos sem judiar dos animais. Sabe preparar ervas medicinais à base de aroeira, umburana, jurema preta, jacurutu e ameixa. Sabe fazer unguentos para usar nos partos, e curar os ferimentos. Enfim, Gracinha sabe aproveitar a farmácia da natureza, produzindo anti-inflamatórios e até bactericidas com as ervas de seu sítio.

A máquina forrageira virou seu braço direito. Gracinha passa as folhas e galhos da palma verde nessa máquina, e depois mistura tudo com feno, para reforçar a alimentação dos animais. Em época de seca, o mandacaru pode substituir a palma. O que não pode é faltar comida para os bichos.

Para aumentar a produção de leite das cabras criadeiras, Dona Gracinha usa outra receita criativa: maniva seca, triturada e misturada na torta de algodão, ou mesmo no farelo de trigo. Ela também sabe aproveitar a raiz da mandioca na comida dos caprinos: “Primeiro, eu lavo para tirar a terra, depois passo na forrageira. Daí, eu espremo para tirar a tapioca, então misturo a massa com farelo”, explica ela, acrescentando que também aproveita a tapioca para fazer mingau, bolo e beiju.

Assim que começou a cuidar de seu próprio criatório, Gracinha realizou um antigo sonho: produzir queijos para vender no mercado. Com o resultado das vendas, ela cobre as despesas da criação. Dá para comprar farelo de trigo, ingredientes, remédios e acessórios. E ainda sobra para pagar o serviço do pessoal que ajuda na roça. O lucro mesmo é pequeno, mas a economia é grande. “Aqui, nada se joga fora, tudo se aproveita”, esse é o lema dela.

Dona Gracinha faz uma gestão total desse sistema produtivo. E assim, pode enfrentar melhor as adversidades do clima. Ela reaproveita os recursos naturais e planeja o futuro, sempre com alguma inovação. Afinal, ela sabe que essa produção garante uma vida digna. “Trabalhando com qualidade, a gente se orgulha de tudo o que consome ou comercializa. E o lucro é certo”, garante ela.

Recaatingamento. Você conhece?



Recaatingamento: a Caatinga também precisa ser reflorestada

Uma mudança no modo de conviver com a Caatinga

Rica em bens naturais, a Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. A “Mata Branca” -do Tupi Guarani caa (mata) e tinga (branca)-, é um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta. Atualmente, mais da metade de seu território apresenta diferentes graus de degradação. A Caatinga é frequentemente associada com a seca, pobreza e pouca biodiversidade. Mas, ao contrário do que se pensa, esse bioma confere valores biológicos e econômicos significativos para o país.

Sua conservação evita a emissão do gás carbônico (CO₂) e o Recaatingamento tem potencial para o sequestro e a fixação de carbono na atmosfera, diminuindo o efeito estufa e o aquecimento global, trazendo mais benefícios ambientais. É, acima de tudo, fonte de matérias primas como frutos silvestres, forragem, fibras e plantas medicinais, itens essenciais para o sustento das comunidades tradicionais.



Desenvolvimento da proposta

Diante das ameaças ao futuro do bioma, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) vem implantando o Recaatingamento em comunidades agropastoris e extrativistas. É um projeto piloto, que tem a população como maior agente responsável pelas transformações socioambientais. Inicialmente, o projeto abrangeu sete comunidades do território Sertão do São Francisco: Angico, em Canudos; Melancia, em Casa Nova; Pau Ferro, em Curaçá; Fartura, em Sento Sé; Poço do Juá, em Sobradinho; Serra dos Campos Novos, em Uauá; e Curral Novo, distrito de Massaroca, em Juazeiro. Hoje, são onze comunidades atuando na recuperação de 900 hectares.

O Recaatingamento exige uma mudança de visão sobre como conviver com a Caatinga. O próprio termo foi criado para provocar a reflexão sobre o manejo da Caatinga, pois quando se fala em “reflorestamento” geralmente se reporta à Mata Atlântica, à Amazônia ou à monocultura do eucalipto. Recaatingar é criar as condições para que a Caatinga volte ao seu estado original. É necessário, portanto, uma redefinição do seu valor econômico, social, cultural e ambiental, desenvolvendo a cultura de recuperar, plantar e conservar a Caatinga. Requer, portanto, defender o valor desse bioma vivo.

A conservação da Caatinga se dá através do uso coletivo de grandes áreas, sem cercas. Nas comunidades onde as famílias têm menos de cem hectares e as terras são cercadas, a degradação passa dos 80%. Em anos de seca, essas famílias são as que mais sofrem, pois sem a Caatinga em pé é



Agricultores pelo uso coletivo da terra: em busca de reconhecimento e legalização

praticamente impossível o desenvolvimento sustentável da agropecuária, visto que todos os animais criados e todas as plantas cultivadas são exóticas, vindos de climas diferentes do Semiárido.

A modalidade de uso da terra em regime coletivo ainda não é aceita pela Lei de Terras do Brasil. As Comunidades de Fundo de Pasto lutam para que seu modo de vida seja reconhecido e suas terras legalizadas, diminuindo assim a pressão por parte de grileiros e dos grandes projetos. A preservação da Caatinga passa, necessariamente, pela adoção de uma Lei que considere a modalidade de uso coletivo das terras. Para isso, se faz urgente o reordenamento agrário e a regularização das terras das comunidades de Fundo de Pasto, as verdadeiras guardiãs da biodiversidade desse bioma.

A proposta de Recaatingamento consiste em identificar a área mais degradada na comunidade, depois isolar essa área dos animais (o que pode ser feito com a cerca elétrica rural, usando energia solar e menor quantidade de madeira e de arame); depois fazer práticas de manejo de solo como escarificação, curva de nível e barramentos com pedra solta; depois a dispersão de sementes nativas misturadas ao esterco; e por fim o plantio de mudas de árvores de interesse da comunidade.

Em paralelo, realiza-se na comunidade oficinas e cursos para discutir o valor da Caatinga em pé, e as possibilidades de manejo da área ainda não degradada. Na maioria das comunidades, o número de animais é maior que a capacidade de suporte da área; portanto, é urgente um plano de manejo do rebanho. Somado a tudo isso, é vital o envolvimento da escola na discussão do Recaatingamento. As crianças passam a ver a mata nativa com outros olhos: começam a descobrir a importância de recuperar e preservar sua biodiversidade.



As mudas vingando: Caatinga tem alto poder de regeneração

Conclusões

Esses últimos quatro anos foram de chuvas abaixo da média histórica, configurando seca severa. A maioria das mudas plantadas não sobreviveu. Das sete áreas plantadas, apenas em duas (onde choveu mais de 400mm), as mudas sobreviveram. Mesmo onde as mudas não vingaram (onde choveu menos de 300mm), as plantas já existentes crescem mais de 50 cm. E é possível perceber árvores e outras plantas germinando onde houve acúmulo de solo e matéria orgânica.

Constatações

1. Mesmo os solos mais degradados são recuperáveis
2. A Caatinga tem um grande poder de regeneração
3. A cerca elétrica é mais uma possibilidade para o isolamento de grandes áreas
4. Em época de La Niña, quase todas as sementes e mudas vingam e se desenvolvem
5. Em época de El Niño, só as plantas já existentes na área se desenvolvem
6. Mais importante que o plantio de mudas é o isolamento das áreas e a estruturação do solo
7. O Recaatingamento é possível e barato, quando feito em parceria

Com o Recaatingamento, a paisagem se transforma



Para dar continuidade, é preciso fazer dessa proposta uma tecnologia social, uma proposta de quintal produtivo. Assim, de forma individual ou coletiva, as famílias podem fazer de uma área degradada uma área de produção de forrageiras e frutas nativas. Mesmo em anos de chuva abaixo da média, ou em anos de seca, a família terá produção para seu consumo, para alimentar os animais, para gerar renda e continuar sequestrando carbono. E vai contribuir, dessa forma, para reduzir o processo de desertificação.

Autores: José Moacir dos Santos e Markuss Breuss

Revisão: Érica Daiane da Costa Silva e Karine Pereira da Silva

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA

Caixa postal 21 - 48903-970 - Juazeiro (BA) - Brasil

Telefone (74) 3611.6481 / Fax: (74) 3611.5385

E-mail: irpaa@irpaa.org / www.recaatingamento.org.br

Pajeú: menos desertos, mais árvores



Plantando e colhendo, Fátima enfrenta os desafios do clima e combate a desertificação

São José do Egito, no Sertão do Pajeú pernambucano, é uma terra conhecida pela abundância de poetas, pelo cultivo de lirismo. Agora, tem tudo para também ser conhecida por sua agroecologia. E um bom exemplo é dona Fátima, agricultora de 47 anos, que vive na comunidade Sítio Felipe. Junto com o marido Adalberto e os filhos Aline e Amilton, Fátima vem praticando a agroecologia há dez anos. Ela conta como aquela paisagem mudou muito, desde que começou a ter assessoria da ONG Diaconia: “Quando chegamos aqui, na nossa terra, só tinha dois umbuzeiros e um cajueiro. O resto era tudo pelado, não era verde assim, não”.

Fátima foi criada no meio rural, mas teve que se mudar para a cidade quando se casou. Essa mudança lhe fez muito mal: “Eu só vivia dentro de casa, esperando meu marido chegar do trabalho e trazer comida. Acabei tendo depressão. Além do mais, a cidade era muito barulhenta, eu não tinha paz”. Quando juntou umas economias, o casal conseguiu comprar um terreno pequeno, de apenas 0,6 hectares, e o sonho de voltar para o campo se realizou.

Adalberto, Fátima e Aline: produção multiplicada pela agroecologia



Depois de nove anos de trabalho duro, Fátima e Adalberto conheceram a agroecologia. E aí começou uma transformação. Com apoio da Diaconia, aprenderam técnicas para plantar árvores e segurar o “molhado” da terra. Aprenderam como proteger o solo de um inimigo chamado erosão.

Esse aprendizado foi fundamental para eles. Afinal, como a gente sabe, as mudanças climáticas estão tornando a água cada vez mais escassa na região. A falta de chuva e o aumento do calor podem ser fatais para quem vive no Semiárido nordestino. Para se ter uma ideia, quando Fátima e sua família foram viver naquela terra, a casa esquentava tanto que nem na varanda eles conseguiam ficar.

O remédio foi plantar árvores na propriedade, tanto para dar sombra como para dar frutos. E a coisa melhorou ainda mais, quando ela entrou para a Associação Agroecológica do Sertão do Pajeú (AASP). Sua família passou a cultivar hortaliças sem veneno, para vender na feira agroecológica. Isso ajudou muito na renda de casa.

Na verdade, Fátima cansou de ouvir o povo dizer que “a terra era fraca, e não servia para nada”. No fundo, ela sempre acreditou na força da terra, e foi em frente com sua esperança: “Eu gostava de sentar embaixo do pé de umbuzeiro, porque me sentia bem, sentia uma energia boa”, diz ela. E quanto mais implantava as práticas agroecológicas no manejo da propriedade, mais via o verde crescendo, “para arrefecer o mormaço”. Hoje, a casa de Fátima está cercada de pés de manga, goiaba, jatobá, laranja, acerola, nim, leucina, caju e tantas outras qualidades.



Dona Fátima e sua família plantaram agroecologia e colheram benefícios: mais sombra, mais água fresca, maior produtividade. Todo dia, de manhãzinha, ela vê o dia nascendo com novas promessas, ouvindo os pássaros que cantam nas árvores que ela mesma plantou. “Eu amo a natureza!”, diz a dona Fátima, super satisfeita. “Aqui, o clima melhorou para minha família, para meus animais, para minhas plantas. E mesmo que o calor seja ainda maior, a gente já não sofre como antes”.

Essa agricultora aprendeu uma lição muito importante, que agora ela mesma ensina: “Quando a gente planta árvores, melhora muito o meio ambiente. E a prática da agroecologia faz a diferença para toda a comunidade. O biodigestor que a gente ‘botou’ na propriedade, por exemplo, funciona a gás, e não ataca o meio ambiente. Ao contrário, é menos lenha que a gente queima”.

Essa agricultora sabe que, quanto mais gente praticar a agroecologia, melhor será para a terra e para o clima. Os grandes fazendeiros, com suas criações de gado, também precisam aprender a conservar o meio ambiente. “As fazendas de gado também provocam muita erosão, que desequilibra tudo. Elas causam muita estiagem aqui e muita enchente acolá”, conclui dona Fátima.

Agora, a família dessa agricultora sabe que precisa enfrentar o desafio das mudanças climáticas e da desertificação em toda a região, o tempo inteiro: “Com a seca vem a quentura, vem o aumento no preço da comida, vem o desafio de produzir sem água; fica muito mais difícil a gente se manter na zona rural”, conta dona Fátima.

Mas sua confiança em viver e trabalhar na terra agora é muito maior: “Com a agroecologia, a gente não tem mais aquela vontade de voltar para a cidade. Meus dois filhos querem seguir vivendo aqui, na nossa terra. O mais novo, Amilton, está querendo produzir frutas e fabricar polpas. Agora, a gente sabe que pode conquistar muita coisa, vivendo desse chão”.

O testemunho de dona Fátima anima mais famílias que querem investir na produção agroecológica: “A gente é rico quando pode colher um ovo em nosso terreiro, apanhar um pé de coentro da nossa horta, uma fruta do pomar da propriedade”, descreve ela. Sua família continua enfrentando os problemas da falta d’água e do aumento da temperatura. Mas hoje conta com novos meios para fazer sua renda: “Eu achei alternativas até na internet, como a produção de bolos e biscoitos. Isso tem ‘arremediado’ a nossa renda aos sábados”, comenta dona Fátima.

A história de dona Fátima, além de tudo, mostra como uma família pode mudar sua realidade: “Antes, os vizinhos diziam que a gente era relaxada, porque não limpava nosso sítio. Agora, tem vizinhos que vêm pedir plantas para remédio. E eu aproveito para ensinar como plantar e cultivar. Convido para serem sócios da Associação Agroecológica do Sertão do Pajeú. Até a presidenta atual da AASP foi influenciada pela experiência da nossa família”, revela dona Fátima, com o maior orgulho.

Dona Fátima sabe que a mudança foi grande. Até sua auto-estima melhorou muito, quando começou a ganhar seu próprio dinheiro: “Hoje, posso pagar minhas contas. Posso investir no meu negócio. E tenho condições de oferecer um tratamento médico para meus filhos.” E as viagens de Dona Fátima já não são apenas sonhos: “Fui conhecer Nossa Senhora de Aparecida, lá em São Paulo. E estamos planejando viajar para Goiás, para conhecer o Divino Pai Eterno. Posso, eu mesma, proporcionar esse pacote de viagem para mim e meu marido”.

Quando olham para o futuro, dona Fátima e seu Adalberto não pensam em se mudar de sua terra. E quando nota que a cidade está crescendo, chegando perto de seu sítio, Fátima não se assusta: “Eu me vejo como num enxame de abelha, querendo correr para longe da cidade, para junto da natureza”. E segue feliz com sua vida no campo: “Tenho orgulho de viver aqui. Já realizei muita coisa na minha terrinha.”

Ela termina com essa mensagem: “Impossível, nada é. Sempre se dá um jeito. Não existe terra ruim, existem formas de bem tratar o chão, as plantas e os animais... A vida, enfim”.

Transformando a paisagem e a vida



“Faz tempo que a gente não usa queimada nem veneno, e isso não faz falta nenhuma”

Como acontece com muitas famílias de agricultores do Semiárido, dona Elza e seu Nazo carregam um amor pela terra que atravessa gerações. Mas seu conhecimento sobre o impacto que a agricultura provoca na natureza é coisa recente. Pois até pouco tempo atrás, esse casal costumava desmatar e queimar o terreno, por entender que eram práticas necessárias para o plantio. Eles achavam que só assim a produção seria maior, e os lucros também. Na época, eles cultivavam algodão, mamona, milho e feijão. E ainda nem sonhavam com agroecologia.

No sítio Lagoa Grande, que fica em Santa Filomena, no Sertão de Pernambuco, Elza e Nazo tiveram seus sete filhos, que ajudavam na roça. No entanto, com a seca de 1993, a família teve que deixar sua terra e migrar para o Ceará. Quando vieram as primeiras chuvas, eles voltaram para seu sítio com novas ideias. “Começamos a nos reunir com outros agricultores, para discutir os problemas e encontrar as soluções, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). E quando percebi que a gente trabalhava muito e o resultado era pouco, começamos a atuar também no Sindicato”, explica Dona Elza.



Elza e Nazo: amor pela terra é a base da mudança

Durante muitos anos, sua família fez agricultura e pecuária com uso de práticas agressivas ao meio ambiente. Eles usavam e abusavam de tratores e agrotóxicos, desmatamentos e queimadas. Só quando a consciência agroecológica chegou na comunidade é que a coisa mudou. Os agricultores passaram a trocar informações e a gerar conhecimentos, trabalhando com assessoria de ONGs como Caatinga.

Daí por diante, eles entenderam que era preciso preservar o meio ambiente, começando pela sua propriedade. Foi assim que passaram a aproveitar o esterco dos animais nos plantios, a fazer o descanso de terras, a diversificar suas culturas agrícolas. “Faz tempo que não usamos mais queimadas, nem veneno. E isso não faz falta nenhuma”, diz dona Elza, com orgulho.

No início, tinham muita dificuldade em armazenar água. Não havia uma estrutura para captar e armazenar a água da chuva. Agora, é bem diferente. A família conta com cisterna de 16 mil litros, a cisterna-calçadão, o barreiro e um poço. Essas tecnologias são capazes de manter a família no sítio, mesmo nos períodos de seca mais prolongada. “Hoje, só com essas pequenas obras hídricas, a gente consegue enfrentar melhor os períodos de seca.” afirma seu Nazo.

Com acesso a tecnologias simples, aquelas famílias do Sertão aprenderam a conservar água para seu consumo. E também para a produção nos arredores de casa. Eles agora plantam suas frutas, verduras e plantas medicinais, e ainda criam galinhas, cabras e ovelhas. “Nós temos que saber como reservar água, ainda mais nos longos períodos de seca. A gente precisa aproveitar cada gota água”, aconselha Dona Elza, mostrando as fruteiras regadas com as águas servidas da sua pia.



Dona Elza: preservação melhora a produtividade

Para viver melhor, o agricultor sertanejo tem que estar preparado, sobretudo nos períodos de seca. Ele precisa saber estocar água, alimentos e sementes. E precisa saber preservar o ambiente da caatinga. Dona Elza e seu Nazo mostram, com orgulho, sua área de mata nativa preservada: “Para todo lado que você olhar, você vai ver vida! São várias plantas e pássaros diversos, e eu acho isso muito bonito”, conta seu Nazo.

Com essa nova forma de pensar e produzir, esse casal ajuda a preservar os recursos naturais do Sertão. Eles sabem o quanto é importante deter as mudanças climáticas e a desertificação do solo. “Estamos dando nossa contribuição para reverter esse perigo. Todo agricultor deveria saber que o agrotóxico, o desmatamento e as queimadas comprometem a saúde, tanto das pessoas como do ambiente”, destaca Dona Elza. Por isso mesmo é que, hoje em dia, a família dela cultiva suas roças e cria seus animais em harmonia com a natureza.

Mulheres e produção coletiva de alimentos





Mulheres que produzem e preservam



Grupo feminino já tem duas áreas agroecológicas bem irrigadas, e está diversificando a produção

O Grupo de Mulheres Agricultoras do Assentamento São José, lá em Caraúbas, vem prosperando no Sertão do Rio Grande do Norte. É mais uma história de superação. No começo, eram apenas doze mulheres cheias de vontade, querendo produzir hortaliças no sistema agroecológico. Não tinham nenhuma estrutura, nem conhecimento técnico. A irrigação era manual e o conhecimento era tradicional. Nem seus maridos davam qualquer apoio, pois achavam que “nunca daria certo”. Elas só tinham a cara e a coragem, mas queriam mudar a realidade.

Uma dessas mulheres é Aleksandra, mais conhecida como Sandra. Ela recebeu uma área de hortaliças do seu irmão, para cultivar por sua conta. E acabou transformando a roça numa horta coletiva. Naquele tempo, faltava dinheiro para comprar sementes, e a irrigação era toda manual. Também faltava grana para pagar a conta de energia no fim do mês, e assim muitas mulheres acabaram desistindo.

Agricultoras unidas: transformando a paisagem pela inovação



Mas as mulheres que persistiram tiveram sua recompensa. Com o ganho das primeiras colheitas, os resultados começam a aparecer. Elas investiram uma parte da renda na compra de novas sementes, e mais tarde conseguiram trocar o sistema de irrigação. Foi então que o grupo passou a contar com o acompanhamento técnico da Diaconia, uma ONG que assessora projetos coletivos, capacitando agricultores e monitorando a produção. O Grupo de Mulheres de Caraúbas entrava na era da agroecologia, para colher resultados cada vez melhores.

Sandra conta sobre algumas dificuldades que elas enfrentaram: “Com dias muito quentes e noites muito frias, a terra tende a virar um deserto. As plantas secam muito depressa, por causa da baixa umidade. Se a gente não botar o sombrite, ainda mais na estação mais seca, não tem colheita de hortaliças”, explica Sandra.

Essa agricultora sabe que os invernos estão irregulares, as chuvas imprevisíveis, e os dias mais calorentos: “As pessoas agrediram a natureza, fazendo desmatamento e queimada, e depois jogando o lixo de qualquer jeito. Isso aumenta o efeito do aquecimento global, agrava a poluição do meio ambiente.” Sandra e suas companheiras mudaram o modo de produzir, introduzindo novas técnicas: “A gente passou a fazer compostagem, 'cobertura morta' e 'quebra vento'. Com isso, nosso trabalho ficou mais fácil e mais produtivo”, revela Sandra.

O conhecimento das técnicas veio na forma de intercâmbios e capacitações. Elas aprenderam a combinar produção com preservação, e isso acabou dando muito certo. Agora, quanto mais o Grupo de Mulheres do Assentamento São José participa de fóruns e reuniões, mais a produção se desenvolve.

Elas entraram para a Associação Agroecológica Oeste Verde, AAOEV, o que ajudou muito na comercialização. Com esse coletivo comunitário, elas botaram seus produtos à venda na feira agroecológica da cidade. E ainda entraram para o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal, o PAA. Foi mais um passo importante no caminho do sucesso: “A gente passou a comprar roupas para os nossos filhos, além de comida para a nossa casa. E nem precisava mais ficar pedindo dinheiro para os maridos”, comemora Sandra.

Com a produção crescendo e a renda aumentando, elas agora podem planejar seu futuro: “Estamos ampliando nossa área de produção. Ainda temos dificuldade no transporte, na hora de levar nossos produtos para a feira. Mas vamos comprar uma moto para resolver o problema”, diz a agricultora, com determinação. “Além disso, pretendemos construir uma unidade de beneficiamento, para tirar esse trabalho de dentro de casa”, explica Sandra.

O Grupo de Mulheres do Assentamento São José opera com duas áreas bem estruturadas, prontas para o melhor cultivo de hortaliças e frutas irrigadas. Numa delas, as agricultoras trabalham na produção de mamão, maracujá, quiabo e macaxeira, com sistema de microaspersão. Na outra área coletiva, contam com dois sistemas de irrigação: um por microaspersão, outro por gotejamento. Elas cultivam os canteiros com hortaliças variadas: coentro, alface, rúcula, cenoura, beterraba, batata doce, milho, gergelim, tomate e pimentão.

Para que elas fossem bem capacitadas a produzir e comercializar todos esses produtos, seu Grupo foi financiado pelo Projeto Semiá. Desenvolvido pela Diaconia em parceria com a União Europeia, mais a agência de cooperação inglesa Tearfund, o Semiá foi um instrumento fundamental para o trabalho dessas mulheres.

Como uma coisa boa puxa outra, elas ampliaram sua linha de produtos. E agora fazem pães, bolos, doces e biscoitos para vender na feira agroecológica. “Antes, nossa terra era fraca e nossa renda era o Bolsa Família. Hoje, a gente vive numa terra mais produtiva e mais preservada. E ainda oferece uma alimentação muito mais saudável, para todas as famílias de Caraúbas”, confirma Sandra, com muita alegria.

Mais uma vitória das trabalhadoras rurais



Conheça a organização dessas mulheres que lutam bravamente no Sertão do Araripe

O Grupo de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sítio Baixa de Trindade, Pernambuco, não está para brincadeira. Essa organização foi criada em 1993, com apenas vinte mulheres e o apoio da ONG Caatinga. Seu objetivo era organizar as mulheres da comunidade, para que reivindicassem seus direitos como camponesas.

O começo foi duro. Elas batalharam muito para conseguir o terreno e construir sua sede. Para poder comprar o material da obra, elas promoveram bingos, rifas e torneios na própria comunidade. E para fortalecer a entidade, organizaram mutirões no roçado de cada associada. Foi assim que formaram um banco comunitário de sementes. Era preciso ter o que plantar no inverno.

Em 1994, já com a sede construída, o Grupo realiza sua primeira reunião. Em pauta, a necessidade de reivindicar água e energia. Mas seu maior desafio, como acontece em quase toda organização comunitária, era vencer resistências. Muita gente na cidade não aceitava bem a união daquelas mulheres, começando por seus maridos. Em outras palavras, sua luta tinha dois fronts: um era dentro, e o outro era fora de casa.



Sertanejas super produtivas: a capacitação faz toda a diferença

No entanto, elas não desanimaram. Tanto que, agora, avaliam sua participação no Grupo como algo fundamental em suas vidas. Elas reconhecem que, sem aquela organização, não teriam adquirido seus conhecimentos. Nem teriam conseguido conquistas importantes para a consciência ambiental da comunidade.

“Não tenho muita formação escolar, estudei só até a quarta série. Mas cresci bastante como mulher, como mãe e como cidadã. Os movimentos sociais, os intercâmbios e as capacitações de que participei, me deram uma boa base. Antes do Grupo, a gente vivia isolada do mundo, ninguém olhava para nós. Hoje, a gente conhece nossos deveres e direitos, então lutamos por eles como mulheres conscientes”, afirma Antonia de Lima Cândido Silva, líder do Grupo.

Entre tantas outras práticas, essas mulheres aprenderam a trabalhar com hortaliças. Elas receberam assistência técnica da ONG Caatinga, por meio do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). E além das hortaliças, foram capacitadas na produção de frutas e na criação de galinhas. Com o sucesso da empreitada, fizeram um cronograma para dividir o trabalho na roça. E ainda colocaram uma banca na feira da cidade, para vender o que aprenderam a produzir.



Produção consciente: sem veneno, com reciclagem

No ano de 2012, veio mais um alento para a produção comunitária. Seu 'Projeto de Reciclagem de Resíduos Sólidos' foi aprovado, e então elas começaram a tratar e a reciclar o lixo da comunidade. As mulheres do Grupo foram capacitadas, e conseguiram envolver os moradores nos mutirões de coleta de lixo. Mais recentemente, com apoio desse projeto, construíram um galpão para o beneficiamento e reciclagem de resíduos.

Segundo dona Maria das Graças, “As empresas de gesso da região impactam demais a natureza, devastando a caatinga. Elas consomem muita lenha e poluem o ar. Isso torna a ação do Grupo de Mulheres ainda mais importante, pois a gente atua pela preservação do meio ambiente como um todo.” Para ela, as pequenas ações de preservação, mais a coleta do lixo, ajudam muito no combate à desertificação. “A gente tem que ter essa consciência: precisa deter o desmatamento da vegetação, para conter as mudanças climáticas”, diz Maria das Graças.

Esse trabalho tem dado bons resultados. As pessoas da comunidade estão mais conscientes, e impedem queimadas e desmatamentos na região. Elas sabem que precisam tratar seu lixo, assim como sabem que os venenos agrícolas envenenam a comunidade. “Alguns anos atrás, era comum ver gente morrendo por causa do veneno”, dia Maria das Graças, com a expressão serena de quem ajudou a mudar essa realidade.

Ensinando a fazer renda com polpa de frutas



Grupo produz polpas com manejo sustentável e garante a renda familiar

O assentamento Queimada Nova fica em Sertânia, no Estado de Pernambuco. Implantado pela reforma agrária, o lugar tem todo um histórico de lutas e conquistas. Surgiu em 1997, com a chegada de dezenas de famílias de agricultores, vindos das áreas vizinhas e de outras comunidades rurais. Eram sertanejos em busca de terra e trabalho, cheios de esperança no futuro. As famílias que conseguiram permanecer nesse assentamento acabaram recebendo títulos de emissão de posse. Foi o primeiro passo para muitas conquistas: casa própria, energia elétrica, projetos de apoio e infraestrutura, entre outras.

Mas mesmo diante dessas conquistas, as famílias do assentamento percebiam que o clima não estava ajudando: “É muita chuva em pouco tempo, e muitos meses sem nenhuma chuva”, diz a agricultora Lucivânia, mais conhecida como Lúcia. Com tanta mudança climática, o resultado foi fatal: queda acentuada nas safras de milho, feijão e algodão.

Produção de polpa: a renda do agricultor se multiplica



Para atenuar esse prejuízo, uma das primeiras providências dos assentados foi partir para a produção de carvão. Com isso, dava pelo menos para garantir o sustento familiar: “A produção de carvão cresceu muito no assentamento. Dava para ver clareiras abertas nas parcelas, de tanta madeira que era retirada”, relata Josenilda, mais conhecida como Nilda. Por muito tempo, o carvão foi fundamental para a renda daquelas famílias. As chuvas sumiram, e não havia muita esperança.

Acontece que a produção carvoeira degrada ainda mais o meio ambiente. E foi pensando nisso que Lúcia partiu em busca de alguma alternativa sustentável. Quando participou de um intercâmbio, visitou um sítio de produção agroecológica, e entrou em contato com várias experiências de convivência com o Semiárido. Uma delas chamou sua atenção, pois parecia uma alternativa bastante viável: o beneficiamento de frutas. Na volta, super entusiasmada com a ideia, Lúcia convidou outras agricultoras a investir nessa atividade. E acabou dando muito certo.

As sertanejas unidas começaram com uma pequena produção de polpa de umbu, uma planta nativa abundante no assentamento. Elas beneficiavam o fruto debaixo das árvores, ou mesmo no terreiro de suas casas. Sua produção era vendida na feira agroecológica de Sertânia. E a prefeitura também comprava uma parte, através das escolas municipais. Em pouco tempo, sua produção já não dava conta de atender às demandas, que aumentavam cada vez mais.

Foi aí que entrou em campo a assessoria do Centro Sabiá. Em parceria com o Projeto Dom Helder Câmara, o Sabiá planejou uma unidade de beneficiamento de frutas, que seria financiada pelo PDHC e outras entidades. Em pouco tempo, muitos agricultores se envolveram na construção da unidade de beneficiamento. Eles perceberam que se tratava de uma nova oportunidade, e colocaram as mãos na obra. Quando a unidade ficou pronta, a comunidade ganhou um novo impulso para a produção.

A estrutura estava instalada e equipada, mas ainda faltava uma coisa fundamental: a capacitação dos agricultores para o beneficiamento de frutas. Foi quando entrou mais um parceiro importante no projeto: o Instituto Federal de Pernambuco, pelo Campus de Afogados da Ingazeira. Eles trouxeram o método e o ensino do beneficiamento, dando condições para o pessoal aproveitar a nova oportunidade.

Com os agricultores capacitados e a estrutura montada, o grupo se dedica à colheita e ao beneficiamento dos frutos. Em pouco tempo, a demanda vai crescendo. E a nova alternativa de produção se consolida: “Então, tudo mudou. A produção poluente de carvão caiu quase 80%. E com os programas do governo, o agricultor agora pode diversificar ainda mais seus produtos”, comenta Lúcia, com a maior satisfação.

Com o grupo coeso e fortalecido, tendo seus produtos bem avaliados pelos consumidores, a produção aumentou para valer. Em 2013, quase 5 mil quilos de polpas foram vendidas pelos associados, por meio do PAA, do PNAE, das feiras agroecológicas e do comércio local.

A demanda cresceu muito, mas a água continuava escassa. Isso levou o grupo pioneiro das mulheres sertanejas, com assessoria do Centro Sabiá, a construir uma grande cisterna. Essa iniciativa teve até apoio vindo do exterior, da União Europeia. E foi o suficiente para resolver a falta d'água, aposentando os carros de bois e as carroças, que faziam longos percursos para manter o abastecimento.

Com a construção da cisterna, as mulheres sertanejas planejaram uma ampliação da área produtiva. Lá mesmo, na unidade de beneficiamento de frutas, plantaram mais culturas frutíferas, muitas delas nativas. A água armazenada na cisterna “telhadão” veio para ajudar a irrigar esse novo pomar, sobretudo nos períodos de longa estiagem.

Moral da história: quando as mulheres sertanejas contam com apoio e tecnologia, tudo conspira a seu favor: “Essa cisterna foi como uma benção de Deus, pois agora temos como armazenar água e irrigar as nossas plantas. Com as poucas chuvas que caíram, a cisterna já pegou um pouco de água. A produção está garantida”, conclui a sertaneja Nilda.

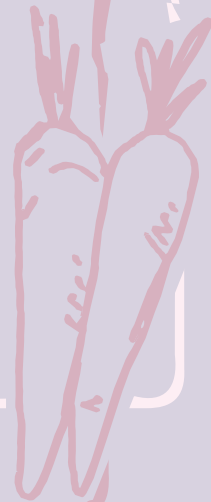
Agrofloresta gera vida, renda e esperança



Agricultores sentem o gosto de ver sua terra e sua gente prosperando, mesmo com toda a seca

Dona Ivanete vive com seu marido Luiz e os filhos na comunidade Santana dos Guerras, que fica em Santa Cruz da Baixa Verde, no Sertão do Pajeú. Esse casal mora e trabalha em sua propriedade de cinco hectares, cercada de verde por todos os lados. Mas nem sempre foi assim. Quando eles chegaram lá, quinze anos atrás, o lugar só tinha dois coqueiros.

Aos poucos, Ivanete e Luiz foram plantando mudas de várias culturas. Mas a grande transformação começou oito anos atrás, quando passaram a ter assessoria do Centro Sabiá e da ADESSU Baixa Verde. Foi aí que eles aprenderam a aproveitar melhor a força da terra, respeitando os recursos naturais, conservando o meio ambiente.



Ivanete e Luiz: trabalhando pela prosperidade



Onde antes havia apenas dois coqueiros, agora tem quase um hectare de agrofloresta, plantada por suas mãos. E além disso, a propriedade ganhou um pomar com todo tipo de árvores fruteiras, cujos frutos são beneficiados ali mesmo. O casal tem boas colheitas de acerola, seriguela, pinha, caju, umbu e manga. E transforma os frutos em polpa integral, que fica armazenada num congelador de 411 litros. Comprado através do programa Agroamigo, do Banco do Nordeste do Brasil, esse freezer esquentou os lucros: “Com a renda das polpas, a gente garante as despesas de casa”, conta dona Ivanete.

Mais recentemente, Ivanete e a família passaram a cultivar uma horta, apenas para consumo da casa. Mas como aparecia gente para comprar, eles passaram a vender tomate, cebolinha, coentro e pimentão para a comunidade. Dona Ivanete diz que a iniciativa partiu de seu filho Antônio, apaixonado por hortaliças em geral.

Produzidas com manejo agroecológico, as verduras de dona Ivanete são da melhor qualidade: “A gente aqui produz um alimento livre de veneno, para consumir uma verdura fresquinha e saudável. Já não precisamos ir na feira, pois agora é só ir na horta”, diz a agricultora, com um sorriso. Os vizinhos sempre aparecem para comprar suas frutas e hortaliças, então a produção se renova o tempo inteiro.



Para manter o ciclo natural em dia, esse casal de agricultores se dá ao trabalho de coletar e guardar suas sementes. Quase todas as mudas são cultivadas ali mesmo, em sua propriedade. Essa é a base de sua sustentabilidade, e a garantia de continuidade na produção.

Mais do que folhas e frutas, o casal também cria pequenos animais. São caprinos e galinhas caipiras saudáveis, tratados com o melhor alimento e com todo o cuidado. Dona Ivanete se orgulha de seus animais: “primeiro, a gente criava os bichos só porque gostava da criação. Agora, é muito importante para gerar alimento, renda e até adubo para o sítio”, garante a agricultora.

Seu cotidiano é feito de muitas funções. Ela pega no serviço logo de manhã, quando vai regar a horta e o viveiro. Depois, tem que soltar os caprinos, dar ração para as galinhas e ajeitar a comida nos cochós. De tarde, ela volta para prender os bichos, servir mais ração, dar mais água no viveiro e no canteiro de hortaliças. E ainda faz uma inspeção no pomarzinho, para acompanhar o crescimento das frutas. Dizem que quem engorda a produção é o olho do dono. Pelo jeito, Ivanete sabe disso.

“A coisa mais importante para manter a produção em nossa terra é a água”, diz ela. Mas como o riacho que banha o sítio é temporário, eles tiveram que escavar uma cacimba. A obra foi feita em 2003, e aliviou o problema para quarenta famílias da comunidade. A água chega por gravidade para a maioria das roças, sendo bombeada só para os lugares mais altos.

Ivanete sabe que, se não tivesse reflorestado sua propriedade, a água seria ainda mais escassa. Ela sabe que o desmatamento é o maior inimigo da umidade: “Uma grande árvore é uma fonte de água, porque ela puxa e mantém a água no solo. Agora temos a cacimba, mas se matarmos esses pés de pau ao redor, não segura mais a água aqui”, diz dona Ivanete, olhando para a copa das árvores.

Como a seca castiga o Pajeú cada vez mais, a cacimba comunitária nem sempre suporta toda a demanda. Por isso, o sítio recebeu um reforço importante: uma cisterna calçadão. Esse equipamento tem capacidade para armazenar 52 mil litros, e foi desenvolvido pela ASA - Articulação no Seminário Brasileiro. Com isso, dá para fazer mais planos para aumentar a produção na horta, no pomar e no terreiro.

De modo geral, a produção agroecológica está fazendo muito bem ao sítio dessa família. Seu Luiz, por exemplo, acha que fez muito bem em parar de brocar, queimar, usar produtos químicos e agrotóxicos. Ele sabe que está ajudando a compensar as mudanças do clima. E percebe que o resultado é ótimo: mais produtividade, com menos erosão. “A seca afeta a produção de grão, fruta, verdura, criação, tudo! Então, a gente precisa saber se adaptar”, recomenda seu Luiz. “Só assim a gente pode segurar a degradação do ambiente, e aliviar o aquecimento”, conclui o agricultor.

No Pajeú, o trabalho de assessoria do Centro Sabiá, junto com a ADESSU Baixa Verde, é permanente. E vai se multiplicando, na medida em que novos agricultores aprendem e espalham as novas práticas. Gilberto, que é filho de Ivanete e Luiz, virou especialista em agroecologia. Ele se formou num curso técnico, entrou para a equipe do Sabiá e agora é coordenador de projetos na ADESSU Baixa Verde. Gilberto é mais um motivo de orgulho e esperança para seus pais: “A felicidade da gente, vendo esse menino trabalhando a favor dos pequenos produtores, é uma coisa muito gratificante. Não tem o que pague”, diz seu Luiz, todo emocionado.

Preservação do Meio Ambiente



Com agrofloresta, toda terra é terra boa



Josilda inova seu modo de produção e colhe os frutos do sucesso

O assentamento Amaraji fica na Mata Sul de Pernambuco, nas terras de um antigo engenho. A área foi desapropriada em 1998, para assentar 93 famílias de pequenos agricultores. Na ocasião, cada família que ali vivia recebeu, em média, sete hectares para morar e produzir. Mas não era fácil: ao longo dos séculos, o cultivo intensivo de cana-de-açúcar sugou os recursos naturais daquela terra. Depois de tanta exploração, era preciso reaprender a produzir.

Sete anos atrás, a agricultora agroflorestal Josilda Maria chegou no assentamento. Ela veio para fazer a diferença. Josilda já tinha enfrentado todo tipo de dificuldade. Junto com seu pai, tinha deixado a vida no campo muito cedo, para tentar a vida na cidade grande. Eles partiram com o sonho da maioria dos retirantes: voltar para sua terra, em melhores condições.

O pai faleceu antes de realizar seu sonho, mas a filha conseguiu voltar. Quando soube da desistência de um antigo assentado, Josilda retornou a



Josilda: recuperando a terra e mudando a vida

Amaraji. Com três filhos no colo e cheia de coragem, ela conseguiu o repasse do lote. E foi à luta.

Mas quando chegou à parcela, quase desanimou. Ali só tinha cajueiro bravo, uma planta que aparece muito em áreas degradadas. No terreiro, apenas dois pés de coco e dois de graviola. Josilda respirou fundo, e se preparou para uma longa transformação. “Muita gente veio me dizer que era melhor desistir, até que aparecesse uma terra melhor. Mas eu tenho muita confiança, e muita paciência. Para mim, não existe terra ruim. O que existe é terra mal cuidada, mal trabalhada”, explica Josilda.

Com ajuda dos filhos, começou uma pequena criação de gado. E como cismava com a falta de vegetação, implantou uma cerca verde de sabiá, uma planta de que gosta muito. Ela conta que “só com o plantio daquele sabiá, o solo e o ambiente começaram a se modificar. Foi aí que comecei a perceber o potencial das plantas na recuperação da terra.”

Algun tempo depois, Josilda conheceu o trabalho do Centro Sabiá, que acompanhava a produção de algumas famílias na comunidade. Era o projeto Águas do Céu, que orientava os assentados na proteção de nascentes e florestas. O nome do lugar, Amaraji, significa justamente “águas do céu”. É uma referência às fontes de água que lá existiam. E um sinal de que a fartura de recursos naturais poderia voltar para a região, se a terra fosse recuperada.

Então Josilda resolveu participar do projeto. Ela conheceu uma experiência bem sucedida com o sistema de agrofloresta, que servia de exemplo para muitos vizinhos. E começou um trabalho com uma nascente em sua propriedade.

Josilda descobriu que essa nascente secava na maior parte do ano, por um motivo muito simples: faltava cobertura florestal em seu sítio. “Para reverter a situação, a gente começou a implantar adubadeiras. E passamos a cultivar culturas de ciclo curto, como milho, feijão, batata e macaxeira. Tudo o que a gente colhia, minha filha vendia na feira”, revela Josilda. Quando o pessoal do Sabiá chegava para os mutirões de plantio, trazendo mudas nativas e árvores frutíferas, sua felicidade era imensa. Ela tratava cada mudinha com muito cuidado. E assim começou a recuperar a força original de sua terra, pelo sistema agroflorestal.

No entanto, ficou claro para Josilda o quanto é difícil enfrentar as mudanças climáticas, que estão afetando todo o planeta: “Quando as chuvas não chegam, a gente não consegue plantar, nem colher. O período de chuvas já não é mais o mesmo. No ano de 2012, nem teve inverno em nossa região. E minha nascente voltou a secar, todinha.”

Josilda sabe que está fazendo sua parte, Mas também sabe que, sozinha, não vai conseguir reverter essa situação: “Uma andorinha, sozinha, não faz verão. A gente precisa, cada vez mais, que os agricultores tenham consciência. E que façam uma produção diferente.” Ela também acredita que a educação pode fazer a diferença: “Estamos acostumados ao desperdício. O produtor gasta muita água, sem se preocupar em repor o que tira da terra”, lamenta Josilda.

Ela convive com muitos vizinhos que só reclamam de sua terra, sem ter consciência de que podem produzir muito mais – se souberem cuidar do que é seu. “Eles dizem que nessa terra não dá nada. Mas continuam com as mesmas práticas, causando o mesmo dano. Eles derrubam o mato, tocam fogo na terra, e ainda me chamam de doida! Só porque eu não queimo meu terreno, e ainda faço cobertura morta, além de outras práticas que eles desconhecem”, diz a agricultora, inconformada.

Acontece que Josilda aprendeu a encarar sua propriedade e sua existência com outros valores. Para ela, sua terra não é só um meio de vida. É uma razão de viver: “Quando vou lá para baixo, na nascente que estamos reflorescendo, não quero nem subir de volta. Minha vontade é passar o dia todo lá. Eu sinto essa mudança no ambiente, e isso me faz bem. Já plantamos uma diversidade de espécies: ingá, cajá, cupiúba, caju, manga... É fruta para todo lado, é a terra ganhando vida”, exclama Josilda.

Ela acredita que, quando os agricultores tomam gosto pelo sistema agroflorestal, sua atitude se transforma: “Antes, aqui não se via nenhum ninho de passarinho. Agora, a gente encontra os casais formando ninhadas por aí... Eu amo isso, e não vou deixar ninguém destruir.” Josilda se realiza com a recuperação daquele ambiente: “Até gato do mato já apareceu aqui, na minha porta! Pena que não deu tempo de tirar fotografia.”

Os agricultores da região começam a compreender que os benefícios do sistema agroflorestal vão além da produtividade. E assim, transformam suas vidas. Josilda é um bom exemplo desse sucesso: “Estou deixando uma pequena mata se regenerar, aqui na propriedade. Não deixo que ninguém tire lenha dali, nem mesmo os meus filhos. Meu sonho é maior: plantar bastante, para fazer mudas e comercializar. E eu tenho toda a confiança de que vai dar certo.”

Um caso de amor com a fauna e a flora



Casal se dedica ao roçado e à criação de animais, seguindo os princípios da agroecologia.

O sítio Camará fica em Remígio, no sertão paraibano. São mais de cinco hectares de terra, o suficiente para dona Josefa e seu Sebastião cultivarem um grande amor. Mima e Basto, como são conhecidos, vivem no sítio com seus três filhos: Felipe, Fábio e Maria das Graças. Rodaram muito pela vida até dez anos atrás, quando realizaram o sonho da terra própria. Mima e Basto hoje vivem em paz e harmonia, mas lutaram muito para chegar onde estão.

A vida não foi nada fácil para eles, principalmente para Mima. Ela perdeu a mãe muito cedo, e acabou indo morar com suas tias. Começou a trabalhar ainda muito jovem, lá em São Paulo. Chegou a passar fome na casa de um patrão. Mas foi lá que ela cresceu e se formou como pessoa. Mima aprendeu a “ser gente na selva da metrópole”, como ela mesma conta. E São Paulo também lhe deu um grande amor: seu Basto, um paraibano de Lagoa de Roça, que também tentava a sorte na cidade grande. Lá mesmo eles se casaram, e foram à luta.



Mima e família: uma novela com final feliz

Acontece que, com o correr dos anos, a saudade do sertão foi apertando. E dona Mima acabou voltando para Remígio, para cuidar do pai doente. A saúde do velho melhorou, e o marido Basto também se animou a voltar. Então, o casal juntou umas economias e comprou uma casinha. Basto comprava alimentos para vender nas feiras livres da região. Tudo ia bem, até que veio a seca brava de 1999. Basto teve que voltar para São Paulo. E Mima teve que se virar em Remígio, com suas três crianças. Mas como a grana era curta, ela também acabou se mudando de volta para São Paulo, para poder prosperar.

E no ano de 2003, o sonho do casal se concretizou. Eles compraram 2,5 hectares em Remígio, e sua vida mudou mais do que nunca. “Quando chegamos aqui no sítio, a terra estava muito desgastada. Tinha uma jaqueira, uma jabuticabeira e um tambor. No mais, era só capim, calombi e chumbinho”, conta dona Mima.

Toda a família trabalhava muito para melhorar aquela terra. Mas a mudança mais importante aconteceu quando a filha Maria das Graças entrou na Campanha pelo Fortalecimento da Agricultura Familiar do Polo da Borborema. A menina sempre trazia novas mudas e conhecimentos para casa. “Tudo o que brotava, a gente deixava crescer. Então ganhamos esse costume de plantar cada vez mais no sítio”, esclarece dona Mima.

De fato, esse costume de plantar mais espécies mudou a cultura no sítio de Mima e Basto. Eles pararam com a mania de “limpar a terra”, e começaram a aproveitar a poda do capim como cobertura. “Como o terreno é muito enladeiraado, a gente precisa estar cobrindo, senão a água lava tudo”, ela explica. “Com a cobertura, a água desce mais espalhada, e não prejudica o roçado”, esclarece seu Basto.

Outra novidade no sítio foi o descanso da terra. “A gente aprendeu a preservar cada área, revezando o uso e dando descanso para o chão. E aí a terra foi ficando fofa”, recorda dona Mima. E as coisas mudaram de vez quando a família encontrou uma mina de água no terreno. “Diziam mesmo que tinha uma cacimba lá embaixo, mas a gente não acreditava... Até que um dia, fomos cavando no lugar indicado, até fazer um barreiro... Pronto! Encontramos um olho d’água, que até hoje não secou”, comemora.

Com a água do barreiro, a produção do sítio cresceu. Eles seguiam vendendo os produtos em feiras livres, e logo conseguiram comprar mais um pedaço de chão. O tamanho da propriedade dobrou, e graças a uma linha de crédito do Pronaf, eles plantaram 150 mudas de laranja. “Eu aprendi a fazer mudas. Sei fazer mudas de laranja a partir do limão. Também aprendemos fazer o enxerto. Hoje, aqui tem mais de mil pés de laranja, tudo feito pelas nossas mãos”, diz Mima com o maior orgulho.

Esse orgulho só fez aumentar, sobretudo quando eles fundaram a Associação da Comunidade Negra do Camará, da qual Mima ainda é vice-presidente. Depois vieram os intercâmbios, novos cursos, novas culturas. A família introduziu técnicas de biofertilização, entrou no Fundo Rotativo Solidário, construiu um galinheiro e começou a produzir plantas medicinais. Um sucesso atrás do outro.

“Nosso roçado fica entre a laranjeira e a bananeira. Dá muito milho, macaxeira, feijão macassa, fava de boa qualidade. Ano passado, deu tanta fava que já está nascendo sem plantar”, afirma a agricultora. A produção é vendida para o PAA, para abastecer as escolas e o banco de alimentos. Na lista do sítio de Mima e Basto tem laranja, manga, macaxeira, maracujá, batata-doce, banana e jerimum. “O que sobra, a gente vende na feira livre. E sem atravessador”, garante dona Mima.

Esse casal também realizou um antigo sonho de consumo da família: ter uma vaca de leite no sítio. E ainda cria um bezerro, um garrote, uma jumenta e, naturalmente, as galinhas. Haja capim elefante, milhã, maniva e maniçoba para o repasto da bicharada. O controle das doenças desses animais também segue a cartilha ecológica: “Se a minha vaquinha tem carrapato, uso citronela. Lá no barreiro, uso cravo de defunto como repelente para inseto. E ainda planto hortelã e arruda, assim me livro desses produtos químicos”, diz dona Mima, com toda a convicção.

Além de tudo, a produção de mudas vai muito bem. Só nos últimos três anos, Mima e Basto cultivaram mais de mil na propriedade. Tem muda de pau d’arco, angico, cabatã, camunzé, frei Jorge, aroeira, mororó, jucá. E também de muitas fruteiras: tangerina, poncã, mimo do céu, jabuticaba, jaca, mamão, manga, banana, pitanga, araçá, maracujá. E no quintal, brota uma diversidade enorme de remédios: malva rosa, erva babosa, boldo do chile, capim santo, arruda e muitas outras.

Com tanto amor pela flora da região, dona Mima passou a fazer parte da rede de Coletores de Sementes do Polo da Borborema. Ela está sempre atenta à época das sementes, para poder colher, selecionar e mandar a sementinha para o viveiro da AS-PTA. Ou para cultivar as mudas ali mesmo no sítio, para depois vender na feira.

Seis comunidades, três jovens e uma esperança



“A gente planta árvores com essa esperança: dar um futuro melhor para nossos filhos.”

Todo mundo sabe que o conhecimento muda a vida da gente. E a história desses três jovens confirma isso. Geângela, Fagna e Adriana queriam aprender a preservar a Caatinga, e acabaram mudando a vida de seis comunidades em Parnamirim, no Sertão Central pernambucano.

Tudo começou quando elas decidiram recuperar a mata ciliar do riacho Queimada, um afluente do rio Brígida que deságua no São Francisco. Isso aconteceu no inverno de 2011, quando elas participavam do projeto “Riachos do Velho Chico”, uma parceria das ONGs Caatinga e Centro Sabiá. O objetivo desse projeto era esse mesmo: formar jovens da zona rural, para que se tornassem guardiões ambientais.

Quando concluíram o curso, os jovens guardiões estavam prontos para a prática. E foram trabalhar na sensibilização das famílias que viviam em torno dos riachos da região. Uma das ações era didática: ensinar educação ambiental aos alunos das escolas rurais. E lá foram elas, educar crianças nas comunidades de Riacho Queimada, Arara, Rolo do Pau, Alvaçã e Dourado.





A mulher é o maior agente da mudança no Sertão

Porém, mais do que ensinar, as jovens Geângela, Fagna e Adriana aprenderam a colocar aquele conhecimento em prática. Elas perceberam que as práticas agrícolas tradicionais de seus pais e vizinhos - queimadas, agrotóxicos, desmatamento - eram práticas destrutivas. E que esses “maus costumes” estavam prejudicando o ambiente das comunidades, assim como a saúde de suas famílias.

Então, as moças começaram a conscientizar e sensibilizar todos os moradores, para duas ações ambientais importantes para a região. Primeiro, salvar as matas nativas que ainda havia em torno dos riachos. Segundo, recuperar as áreas que tinham sido arrasadas pelas práticas agrícolas tradicionais.

“Esse conhecimento, essa conscientização foi uma das melhores coisas que a gente aprendeu na vida. Antes, a gente nem fazia ideia... Mas hoje, sabemos produzir mudas, assessorar as famílias numa produção agroecológica, e ensinar educação ambiental para as comunidades. É um trabalho que a gente acha super importante, porque leva uma informação vital para as pessoas. É um caminho que a gente vai abrindo, para a comunidade mudar de vida”, diz a jovem Adriana.

O trabalho dessas jovens guardiãs inclui palestras, mutirões e até brincadeiras nas escolas rurais. E também envolve o plantio de hortas comunitárias e mudas de árvores, junto com os adultos e as crianças. Como diz a jovem Fagna, “esse trabalho é gratificante, pois mesmo quando o projeto chega ao fim, as pessoas continuam fazendo o que aprenderam, para preservar o meio ambiente”.

As mudas mudam tudo: quanto mais diversidade, melhor



De fato. Depois do projeto, muitos agricultores começaram a plantar agroflorestas e a produzir mudas, mudando a paisagem naquelas comunidades de Parnamirim. “A gente planta árvores com essa esperança: dar um futuro melhor para nossos filhos. Pode ser que a gente nem veja essa árvore ficar grande, mas as próximas gerações terão pequenas florestas em sua vida, e isso é muito gratificante”, revela Adriana.

A jovem Geângela também acredita que essas ações, praticadas agora, vão ficar como herança para as gerações futuras: “Daqui alguns anos, quando não estivermos mais aqui, as pessoas vão reconhecer o trabalho que fizemos. Vão saber que, um dia, alguém tomou uma iniciativa para mudar a história. Por isso, a gente não planta pensando só no dia de hoje, mas também no futuro dessas comunidades. As mudanças climáticas estão provocando conseqüências sérias, em todo o mundo. Se a gente pensar, da onde vem o oxigênio que a gente respira? Vem das plantas. Então, é preciso repor as árvores que retiramos dessa terra. Senão, em poucos anos, não vamos ter mais nada”, reflete Geângela.

As seis comunidades que receberam o projeto “Riachos do Velho Chico”, no Sertão Central de Pernambuco, conheceram uma nova esperança. Ela veio pelas mãos de três jovens interessadas no futuro. E pode crescer muito nos caminhos sertanejos, pelas mãos de centenas de pequenos agricultores.

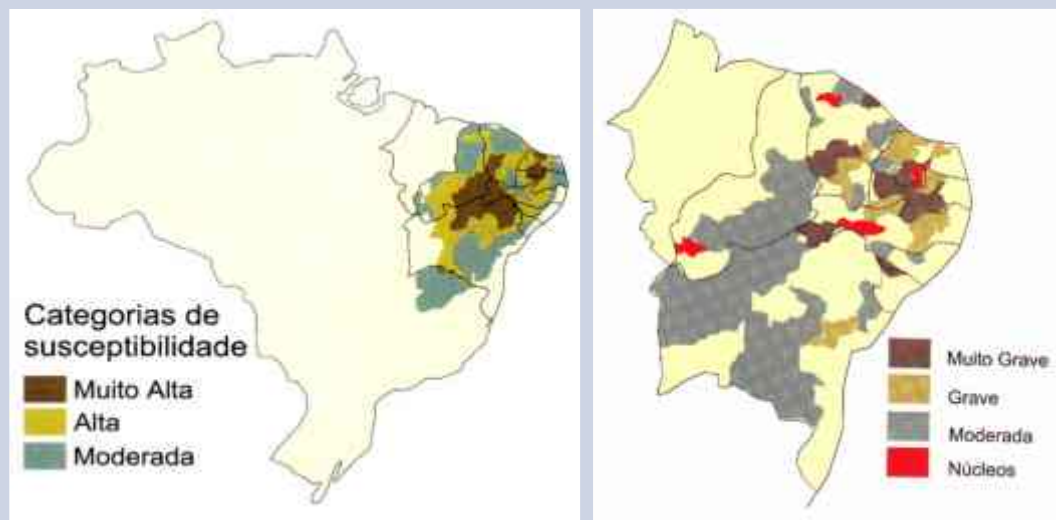
Uma comunidade protegida dos castigos do tempo

Mulheres da comunidade de Sobrado, no Agreste pernambucano, lutam contra a desertificação

A comunidade de Sobrado fica no município de Jataúba, um dos mais pobres de Pernambuco. Localizada na região do Agreste Central, com clima semiárido, a região constitui uma projeção da zona fisiográfica do Cariri paraibano no Agreste de Pernambuco, estando dentro da área considerada de alto índice de susceptibilidade e de ocorrência muito grave de desertificação no semiárido brasileiro (confira mapas abaixo).



Fonte: Wikipédia



Fonte: Plano Estadual de combate a desertificação - Pernambuco, 2009



Com a ajuda da família, elas estão sempre prontas para o batente

Nesta sistematização, queremos demonstrar como as mulheres desta comunidade, em especial Maria de Alzira, casada e com quatro filhos, vêm resistindo às adversidades do tempo e da vida, sobretudo num período onde, cada vez mais, há diminuição das chuvas e aumento da temperatura - por conta das mudanças do clima e do contexto da desertificação na região. Ao mesmo tempo, vamos verificar como tem sido o acesso às políticas públicas, e como elas vêm fazendo uma agricultura compatível com essas realidades.

Hoje, no mundo, dois bilhões de pessoas vivem em regiões suscetíveis à desertificação. Isso significa 40% do território mundial, onde vivem 60% dos pobres do mundo. E nos leva a refletir o seguinte: combater a pobreza no mundo passa, sobretudo, por combater e prevenir os efeitos da desertificação.

As mulheres, historicamente, foram responsáveis pela “manutenção” da casa. E, naturalmente, foram vinculadas ao manejo da água e da lenha para cozinhar, ao preparo dos alimentos, à educação dos filhos e limpeza da casa. Mas também ao cuidado dos enfermos, de crianças e idosos. Elas desenvolvem inúmeras tarefas relativas à reprodução da vida. E no entanto, essa condição de “naturalizar” o trabalho da mulher tem causado problemas, porque trabalho de casa não é considerado trabalho, nem quando somado ao trabalho que ela desenvolve no âmbito da segurança alimentar, quer seja na roça, no quintal, na horta, na criação de pequenos animais. E isso causa uma enorme sobrecarga: “Se eu fosse homem, acho que o trabalho seria mais fácil, pois homem só faz uma tarefa. É mais pesada, mas é uma coisa só. Meu marido nunca lavou um copo aqui em casa. A mulher busca água, cuida da casa, cuida das crianças, pega lenha, cuida dos animais e do quintal, cuida da horta, faz tudo isso durante o dia todo. Acorda cedinho e vai dormir tarde, para no dia seguinte começar tudo de novo”, conclui Maria de Alzira.

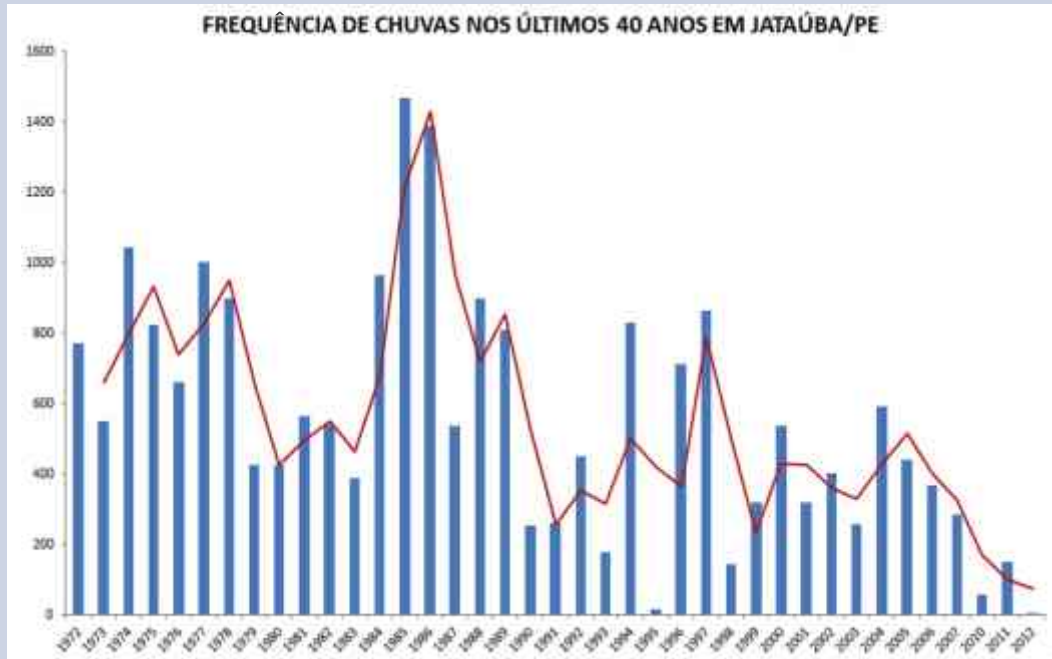


Segundo as mulheres, novas políticas públicas têm chegado e são muito importantes para a vida delas: o salário maternidade, que garante um ganho no período de gestação, é investido na melhoria de suas casas. Elas constroem banheiros, aumentam um quarto e compram roupas para as crianças. Esses investimentos não são prioridade para os homens, mas são importantes para elas. O bolsa família, que repassa mensalmente um valor para as que mantêm os filhos na escola, tem sido muito importante. Maria de Alzira fala que “se não fosse o Bolsa Família, muitas iriam passar fome, pois esse recurso é o único certo”.

As criações e a produção da horta, sem a junção com o programa, não seriam suficientes para dar conta do sustento da família. Nem sempre tem chuva. Sendo assim, o dinheiro do Bolsa Família vai direto pra fazer a feira do mês, e as outras coisas vão se complementando.

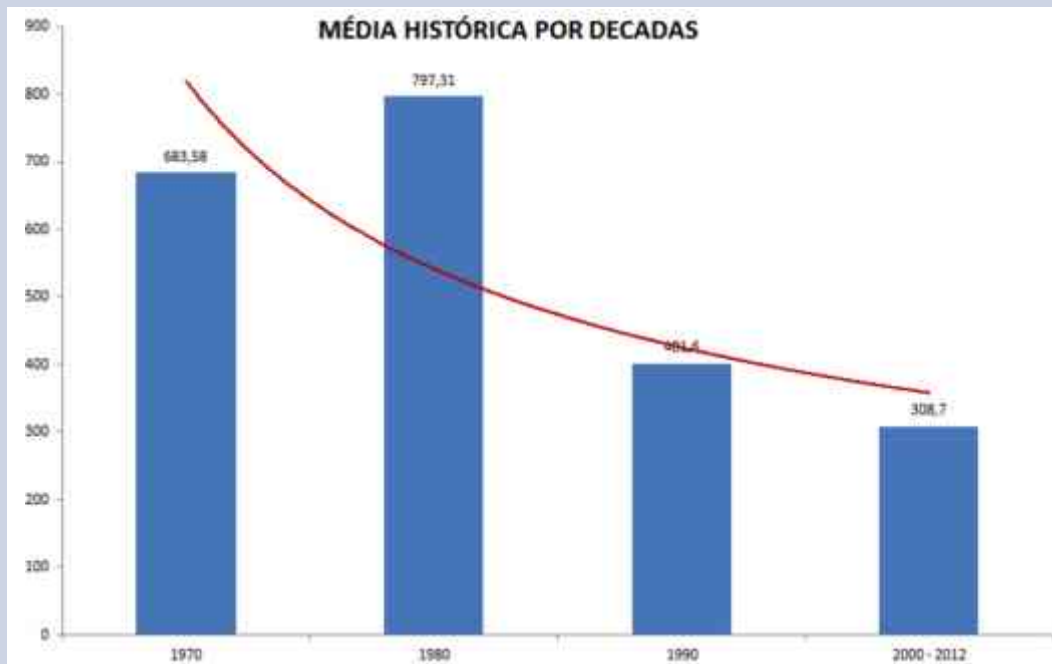
Quando questionadas sobre o que tinha mudado na agricultura, de 30 anos atrás até agora, elas foram unânimes em dizer que, quando chovia, era uma fartura. O lucro era grande, logo os roçados eram maiores. E em anos bons, ainda dava para vender uma parte. Com o dinheiro, elas compravam calçados, roupas e algumas coisas para casa. Havia anos em que lucravam 10 sacos de feijão, 15 de milho. Tinha muita fava também. Hoje, ao contrário, relatam que não têm mais produção de roçado, e pouca gente se interessa em plantar na roça. Os invernos são muito irregulares, deixando tudo muito inseguro, pois hoje é mais quente do que antigamente. Antes tinha seca, mas chovia mais e fazia mais frio. “Antes tinha mais matas, hoje é muito desmatado. O povo desmata muito, assim temos que ir adequando a forma de fazer nossa agricultura”, relata a agricultora Josefa Olindina, que está produzindo e plantando mudas.

Gráfico 1



Fonte dos dados: Agência Pernambucana de Águas e Clima - APAC

Gráfico 2



Fonte dos dados: Agência Pernambucana de Águas e Clima - APAC

Se avaliarmos os gráficos 1 e 2, chegaremos à mesma conclusão: ao longo dos últimos 40 anos, as chuvas foram ficando muito irregulares no tempo. E a frequência da irregularidade também aumentou, culminando numa linha de tendência que vem caindo vertiginosamente. Se fizermos um paralelo dessas informações, com dados sobre o uso da terra em Pernambuco de 2002, teremos o seguinte: as terras no Agreste usadas

para a lavoura representavam 32% em 1980, e apenas 24% em 1995. Portanto, não há dúvida de que a produção de alimentos vem caindo de forma muito rápida na região, o que justifica o fato dessas mulheres complementarem a renda através de outras atividades, como a renda renascença e a confecção de chapéus.

Mas há também uma outra versão da história, dando conta de que as mudanças nas práticas agrícolas dessas mulheres vem possibilitando a produção de alimentos para a família e a venda do excedente. No ano de 2011, a comunidade foi beneficiada com 8 cisternas calçadão, com capacidade de 52 mil litros de água, destinadas à produção de alimentos. E muitas mulheres receberam cabras e ovelhas do Fundo Rotativo Solidário. 23 famílias adquiriram fogões ecológicos, que economizam a lenha antes tirada da mata. Maria de Lourdes percebe que alguns tipos de madeiras não se encontra mais, como um tipo específico para construir chiqueiros: “Antes, tinha em todo canto; agora tá difícil achar, tem que ir buscar longe”, conclui. As mulheres relatam que, antes, cortavam de três a quatro cargas de lenha para passar a semana. Hoje só cortam uma, e ainda usam a metade do gás que consumiam. Isso está intimamente relacionado com o uso sustentável de fontes de energia renovável.

Os sistemas agroflorestais que as mulheres têm implantado desde 2011 estão ainda em fase de consolidação. No entanto, possuem muita diversidade: uva, macaxeira, manga, jambo, coco catolé, mamão, pinha, graviola, goiaba, arruda, couve, hortelã, girassol, laranja, limão, malva rosa, cebolinha, romã, capim santo, colônia, espirradeira, capim, acerola, coco anão, caju, seriguela, abacate, umburana, tambor jurema, palma e cardeiro. “Tenho de tudo: alimento pra minha família, pros meus animais, ervas pra fazer chá, plantas pra servirem de adubo... Resumindo: tem de tudo que preciso, bem aqui no meu quintal”, conclui Maria de Alzira.

Fica claro que as práticas agroecológicas, somadas às políticas públicas - que incluem cisternas, salário maternidade, bolsa família, entre outras - têm proporcionado mudança na vida das mulheres. O resgate da solidariedade, a partir dos FRS, tem ajudado bastante a superação das dificuldades na vida delas. No entanto, não há força de vontade que consiga superar déficits como o reconhecimento de sua identidade e de seu papel na sociedade, como protagonistas de sua própria história.

Essa sistematização cumpre uma função fundamental, que é documentar a história das mulheres camponesas do sítio em outra proposta de agricultura. Mas elas ainda sofrem com as dificuldades: “Muitas vezes, fui apelidada de Maria João, pois diziam que eu tava me amostrando, fazendo serviço de homem. Hoje as pessoas entendem o porquê da minha luta, elas vêem a diferença, então podem entender nosso sofrimento e nossas vitórias”.

Agroecologia faz a diferença na Zona da Mata



Praticando a agroecologia, Kátia espalha benefícios para toda a comunidade

Queimadas, desmatamentos, insumos químicos, agrotóxicos. Quase todas as práticas da agricultura convencional enfraquecem o solo, e agredem o meio ambiente. Quanto mais arrancam a cobertura vegetal, mais o clima se altera, mais aumenta a falta d'água.

Ninguém imaginava que, um dia, fosse faltar água na Zona da Mata, uma região com tantos rios e tanta chuva. Mas essa é a dura realidade, que a bela paisagem dos canaviais não esconde mais. A Zona da Mata pernambucana vem sendo castigada há séculos pela monocultura da cana de açúcar. Resultado: os recursos naturais foram se tornando escassos, e a vida dos pequenos produtores foi ficando difícil.

Eles receberam seu pedaço de chão com a reforma agrária, e logo se viram diante da necessidade de conciliar ambiente e produção, clima e plantio, seca e sobrevivência. Kátia Célia, uma jovem agricultora e marisqueira do assentamento Amaraji, em Rio Formoso, encarou esse desafio na

Kátia Célia conta como venceu a degradação



Mata Sul de Pernambuco. Ela conta sua história: “Antes, eu acordava pela manhã e trabalhava no campo até meio-dia, mas não sentia calor em excesso. Hoje, mesmo acordando muito cedo, já não consigo fazer tanta coisa pela manhã, pois o sol castiga demais”. Para Kátia, as alterações climáticas estão destruindo o ambiente: “Lembro de quando olhava para o sol, e então sabia se era o melhor momento para pescar no manguezal... Infelizmente, agora isso é só a lembrança de um tempo bom. As ações do homem mexeram com o sistema, afetaram a natureza”, explica Kátia Célia.

Casada com Elias Francelino, Kátia vive com os quatro filhos no assentamento Amaraji. Quando se mudou da cidade para aquela comunidade rural, havia poucas culturas no terreno: mandioca, banana, inhame e batata doce, entre as principais. Em seus sete hectares, a propriedade tinha uma nascente e algumas árvores frutíferas.

Aos poucos, Kátia entendeu que a terra estava degradada por falta de cuidado com o solo. E percebeu que, se não tomasse alguma providência, podia perder tudo o que tinha. Foi então que ela começou a pensar numa solução para tornar a terra mais saudável, mais produtiva.

Ela já tinha ouvido falar no sistema agroflorestal, mas seu companheiro não acreditava nessas inovações. Kátia falava nas vantagens de produzir numa terra bem coberta com vegetação, mas Elias não levava fé. Ele preferia continuar na criação de gado de corte, ainda que sabendo o quanto a degradação da sua terra estava comprometendo a produção.

Mesmo sem apoio do marido, Kátia foi se conscientizando cada vez mais. Ela começou a compreender que algumas das causas da degradação ambiental vinham de fora da sua propriedade. E observou como o turismo ali perto, no litoral pernambucano, afetava o manguezal e as várzeas dos rios, pelas construções irregulares e pelos esgotos jogados nos mananciais.

Kátia notou que o aterro feito para a construção de uma rodovia, perto de sua casa, prejudicou a pesca e a coleta de mariscos: “Antes, eu ia pescar logo atrás da minha casa, que era pertinho do mangue. Agora, mesmo indo bem para dentro do manguezal, a gente quase não consegue mais pescar nada”, afirma a agricultora e marisqueira.

Por tudo isso, quando ouviu falar em agrofloresta, Kátia ficou muito interessada no assunto. Mas seu companheiro não aceitava: “Elias temia que eu plantasse em toda a terra, sem deixar nada para o pasto dos animais. Mas fui insistindo, até que ele entendeu e começou a ajudar, cercando a área verde de produção. Isso foi muito legal para mim, porque começamos a melhorar o sítio juntos, e depois a vida em comunidade.”

Foi então que as coisas começaram a mudar de verdade na vida de Kátia e Elias: “Nós começamos a receber assessoria do Centro Sabiá, que me deu capacitação para atuar num projeto de recuperação de nascentes.” A agricultora começou a ver outra relação entre natureza e produção: “Para mim, esse trabalho com o pessoal do Sabiá teve um valor imenso. Aprendi a proteger minha nascente, a ajudar na preservação do meio ambiente, garantindo a vida dos animais em extinção. E outra coisa essencial: aprendi a conservar a água em nossa terra, o ano inteiro.”

A realidade das famílias que vivem e trabalham na Zona da Mata pernambucana ainda é muito adversa. As mudanças do clima, a escassez de água, a ocupação desordenada da terra: tudo isso torna a vida muito complicada. Por outro lado, a conscientização de agricultores como Kátia e Elias traz esperança para a região.

A agricultura familiar, baseada numa produção agroecológica, melhora muito a vida de quem trabalha na terra. Plantando árvores e preservando nascentes, o camponês contribui para a qualidade do ar, o controle da temperatura, a manutenção da fauna e a flora. E suas hortas e pomares passam a render bem mais. O Centro Sabiá está aí, para realizar sonhos de agricultores como Kátia: “Meu maior sonho é ver minha área toda preservada, e depois dividir o conhecimento que eu ganhei com outras famílias de agricultores. Só assim, trabalhando pela preservação, a gente pode plantar um futuro melhor para nossos filhos.”

A propriedade de Kátia e Elias recebeu um viveiro comunitário para mudas nativas e frutíferas, para propagar as práticas agroecológicas na vizinhança. As mudas estão sendo plantadas em várias outras propriedades, por agricultores que perceberam os benefícios do projeto e, naturalmente, também quiseram participar.

Formação em Agroecologia e Segurança Alimentar



Um manejo agroecológico que faz muito sucesso



A experiência de dona Ana, no Semiárido baiano, envolve diversas atividades produtivas

Dona Ana Barbosa mora na comunidade de Salgado, em Serrinha, na região Semiárida da Bahia. Ela trabalha duro e desenvolve diversas atividades produtivas na sua propriedade, junto com sua família. Sua pequena propriedade tem criatórios de aves e ovinos, e plantios de feijão, milho, mandioca e hortaliças.

Dona Ana, como é conhecida na comunidade, participa há muitos anos dos movimentos sociais no município de Serrinha. Ela é sócia da Apaeb, Associação de Pequenos Agricultores de Serrinha, e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Sempre que tem oportunidade, a agricultora participa de ações como intercâmbios, cursos, oficinas e assessorias técnicas. Graças a essa atuação em espaços de troca de experiências e formação, Dona Ana e sua família vêm aprimorando e desenvolvendo práticas e técnicas de convivência com o Semiárido, sempre com base nos princípios da agroecologia. E foi essa participação que, segundo ela, mudou sua vida:



Agroecologia: o sertão se transforma pela produtividade

“Participei das oficinas e cursos que o MOC promoveu sobre plantação agroecológica. Com a ajuda técnica deles, aprendi a cuidar mais da horta e pude comprar a sombrinha e a bomba, que me auxiliam bastante. Vendo feijão comum e de corda, maxixe, andu e hortaliças na comunidade e nas feiras agroecológicas. Vou à feira agroecológica três dias por semana, e consigo ganhar R\$ 60,00 por dia. Essa renda ajuda muito minha família, pois a agricultura é nosso único trabalho; com esse dinheiro, compro tudo o que preciso para a casa”.

Dona Ana também conta que foi beneficiada com tecnologias de captação de água da chuva, o que tem melhorado muito a sua vida e de sua família: “Antes de conseguir uma cisterna com a ajuda do MOC, eu tinha uma horta pequena, e vendia somente uma pequena quantidade de produtos. Agora, com o aumento da horta, posso vender na feira agroecológica, aumentando as vendas. Sem a ajuda do MOC, eu não comercializaria meus produtos nas feiras, não receberia a ajuda dos técnicos e nem os cursos de capacitação. Se melhorei a minha renda, devo isso ao MOC”. Além da cisterna de enxurrada, a agricultora também foi beneficiada com a construção de um barreiro trincheira em sua propriedade.

Ao redor da sua casa, Dona Ana desenvolve a maioria de suas atividades; os criatórios de galinhas e outras aves domésticas, a horta que fica no entor-

no da cisterna. Nos últimos anos, após uma formação em Sistemas Agroflorestais, ela vem povoando sua pequena propriedade com diversas culturas. Nessa área, podem ser encontradas plantas forrageiras para alimentação dos animais (palma, leucena, caatingueira), plantas frutíferas (none, pinha, acerola, goiaba, citros, dentre outras), e outras plantas nativas da Caatinga, além de plantios temporários como o milho. Ela aproveita bem os espaços em sua pequena propriedade, deixando sempre a terra coberta, como forma de preservação do solo.

Sempre atenta e participativa, Dona Ana foi uma das primeiras agricultoras a integrar a Feira Agroecológica de Serrinha, como ela mesma conta: “Eu sou sócia da APAEB e acompanho as atividades do MOC. Sempre participei das feiras de animais. E eles disseram que, se a gente se unisse, a gente ia ganhar as barracas. Então eu continuei indo para as feiras, vendesse ou não vendesse. Fui ver outras feiras orgânicas, porque já não usava adubo químico. E depois que conheci é que não uso mesmo, só uso meu esterco de ovelha e a terra de quixaba. Aí, veio a notícia de que as barracas já estavam prontas. Eu dou graças a Deus, pois tenho muitos fregueses e não vou abandonar minha barraca, não. Hoje eu trabalho com mais duas pessoas, e a barraca é da comunidade. Melhorou muito. Eu tenho meu pão de cada dia certo, ganhei minha aguada e cisterna, tenho minha criação de ovelhas, meus filhos não saem mais para dar dia de trabalho na roça do vizinho. Melhorou muito pra mim”.

Em suma, Dona Ana reconhece a importância de trabalhar com a produção agroecológica e vem aprimorando a sua prática e potencializando o seu agroecossistema a cada dia. Além disso, ela entende a necessidade de participar dos movimentos sociais, e de se inserir em processos de organização comunitária.

Ela é um exemplo entre tantas outras mulheres agricultoras que vêm transformado a sua vida e de seus familiares. A produção e comercialização agroecológica vem ganhando visibilidade, fortalecendo a autonomia socioeconômica das mulheres. Isso interfere positivamente nas relações sociais no meio rural, visto que as mulheres passam a ocupar espaços públicos, a participar das tomadas de decisão. Os desafios ainda existem, já que as mulheres ainda são consideradas responsáveis pelo trabalho doméstico. Mas hoje, pode-se afirmar que a participação social feminina tem possibilitado um novo olhar para os direitos das mulheres rurais por igualdade de oportunidade. E é na agroecologia que esas agricultoras vêm colhendo os bons frutos do seu protagonismo, para a construção de um mundo mais justo e solidário.

No Ceará, a agroecologia avança com intercâmbio



Dona Mirtes trouxe ótimas experiências para sua propriedade, e compartilha com a comunidade

Faz quase quarenta anos que a família de Maria Mirtes e Francisco Teles vive na comunidade de Sabonete, em Apuiarés, no Ceará. Sua propriedade tem 2,5 hectares, é cortada pelo Riacho do Paulo, mas sempre teve problemas de acesso à água. Afinal, a região fica no Semiárido, com média pluviométrica anual em torno de 400 mm. Toda a área corre risco de desertificação, e ainda mantém a cultura da broca e queimada da mata para plantio de milho e feijão, com uso de veneno.

Mirtes conta que, no começo, a seca castigava mais o produtor. E que as coisas começaram a mudar no ano 2000, quando ela ganhou uma cisterna calçadão. Com esse recurso, ela passou a cuidar melhor da produção, e ainda aumentou a produtividade. Mirtes e Francisco tocam o serviço sozinhos, já que os cinco filhos foram trabalhar fora. Eles sabem que ainda têm muito por fazer, mas se sentem recompensados por trabalhar com agroecologia. O casal abraçou esse sistema em 2002, e não largou mais.



Dona Mirtes: "A gente tem que inovar para multiplicar a produção"

Com acompanhamento técnico do Cetra, eles começaram pela implantação de um quintal agroecológico na sua propriedade. "Antes, a gente só produzia milho e feijão. E depois ainda tinha que desmatar, queimar e colocar veneno. Agora, a gente nem pensa em voltar para aquele esquema antigo. Nosso objetivo é trabalhar com mais agroecologia, para levar uma vida bem mais saudável", avalia Mirtes.

Ela lembra que sua participação em encontros e intercâmbios foi fundamental, porque deu uma orientação mais ampla para seu trabalho com agroecologia. Mirtes faz questão de destacar o intercâmbio que fez em Glória de Goitá, Pernambuco: "Foi lá que pude conhecer novas experiências, que acabei introduzindo em nossa propriedade." Hoje, ela continua conhecendo outras experiências, mas também recebe visitantes e intercâmbios em sua terra.

Dona Mirtes reconhece o curso de Multiplicador em Agroecologia, ministrado pelo Cetra, como o maior fator de seu aprendizado. Foi nele que a agricultora aprendeu que "a gente tem que plantar tudo junto". Mirtes agora integra a Rede de Agricultores Agroecológicos de Itapipoca. E como feirante, comercializa sua produção todas as semanas, na Feira Agroecológica e Solidária de Apuiarés.

A propriedade de Mirtes e Francisco tem hoje muito mais proveito. Começando pelo quintal, que mantém seu frescor por causa da sombra e do verde, mesmo no tempo de estio. Esse quintal também chama a atenção por abrigar plantas medicinais, em grande variedade. Essas plantas foram todo o

chão, de modo que quase não dá para ver o solo. Dona Mirtes usa suas plantas medicinais para fazer garrafadas e remédios caseiros, economizando muita despesa de farmácia. Além disso, ela doa muitos remedinhos para a vizinhança e a comunidade.

E acontece uma coisa parecida na produção de alimento para consumo próprio. Mirtes diz que colhe quase tudo em sua propriedade: feijão, mandioca, castanha, mamão, banana, manga, abacaxi, goiaba, tangerina, acerola, pimentão, melão, pepino, melancia, vários temperos... A lista é grande, e ainda inclui animais como galinha, pato, capote, porco e gado. Quase toda a comida consumida pela sua criação também é produzida ali mesmo.

Para construir um cacimbão e irrigar sua horta, Mirtes conseguiu um crédito no valor de mil reais do 'Fundo Rotativo Solidário da Rede de Agricultores Agroecológicos de Itapioica'. E o resultado dá para ver nas cores intensas dos legumes, temperos e verduras.

Toda a região de Apuiarés vem sendo castigada pela seca, com mananciais secando em muitas terras. Mas esse mal não aflige a propriedade de Mirtes e Francisco. Graças à proteção do solo, assim como à manutenção de espécies típicas de mata ciliar, sua terra está protegida. Ali tem plantas nativas como oiticica, sabonete, canafístula, pajeú, ingá. São espécies que desapareceram daquela comunidade, mas seguem vivas pelas mãos desse casal de pequenos agricultores.

E além de conservar as matas ciliares, Mirtes mantém algumas áreas reservadas para mata nativa. Espécies como angico, aroeira, juazeiro, mofumbo, timbaúba, pau d'arco, mororó, jurema preta, pau mocó, pinhão bravo, pau branco e ameixa estão vivendo ali. A agricultora diz que "o importante não é só manter, mas deixar as árvores crescerem, pois elas adubam o solo e melhoram o clima". E além de plantar, Mirtes produz mudas com as sementes que apanha por sua área.

Recentemente, dona Mirtes foi convidada para integrar o projeto Florestação, em que se planta um hectare pelo sistema agroflorestal. Ela também participa da formação de mais multiplicadores, para manejo sustentável de novos agroecossistemas. Seu papel na comunidade será esse mesmo: "Multiplicar essa experiência para mais cinco famílias, acompanhando a implantação de 7,5 hectares de quintais agroflorestais, agroflorestas e áreas de conservação".

Outra coisa que chama a atenção no trabalho de Mirtes é a presença de animais nativos em sua propriedade. Como ela gosta de dizer, "aqui os bichos da terra encontram abrigo e proteção". Entre eles, aparecem o nambu, sabiá, tejo, camaleão, sericora, galinha d'água, cobra de veado, salamandra, preá. Esses bichos dão vida ao ambiente, e são fundamentais para a dispersão das sementes de espécies nativas.

Agora, o maior desafio de dona Mirtes é fazer com que mais famílias da comunidade sigam sua experiência. Que mais agricultores produzam no sistema agroecológico, deixando de aplicar veneno e conservando a vegetação nativa. "Pois só assim a gente consegue melhorar o clima, reformando o modo de fazer agricultura em nossa região", arremata dona Mirtes.

Agradecimento

Nosso agradecimento às famílias agricultoras por compartilharem suas experiências e conhecimentos, confirmando que com trabalho e determinação, cooperação e solidariedade, é possível vencer a adversidade. Em especial, agradecemos às mulheres camponesas pela coragem em apostar nas inovações agroecológicas, para mudar o campo e a vida da família.

Agradecemos ainda às organizações parceiras, que contribuíram para que este caderno mostre experiências exitosas de diversas partes do Nordeste. Sem dúvida, é mais uma grande contribuição para alargar o universo de intercâmbio da agricultura familiar agroecológica no meio rural brasileiro. Por fim, nosso agradecimento aos parceiros e as parceiras que acreditam e apoiam o nosso trabalho nos diversos territórios de nossa atuação.

Expediente

Este caderno é uma publicação de iniciativa da parceria Diaconia, CAATINGA - Centro de Assessoria de Apoio aos Trabalhadores de Instituições Não Governamentais Alternativas, Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, AS-PTA - Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, CETRA - Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador, IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, MOC - Movimento de Organização Comunitária e SASOP - Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais.

Coordenação do Projeto:

Alexandre Bezerra Pires, Elka Macedo, Giovanne Xenofonte, Laudenice Oliveira e Marcelino Lima

Textos:

Abraão Pulqueiro, Adriana Galvão Freire, Alberto Barros, Ana Dalva Santana, Ana Santos da Cruz, Carlos Magno de Medeiros, Cleibson Santos, Elka Macedo, Ewerton Gustavo da Silva França, Gleidson Carlos, Íris Maria, Irlânia Alencar, Janaina Alencar, José Moacir dos Santos, Katia Rejane, Luciana Rios, Markus Breuss e Tainara Carvalho

Edição e Revisão:

Kalinne Medeiros - DRT 2209/PE

Projeto Gráfico:

Jorge Verdi

Fotos:

Adriana Galvão, Alberto Barros, Carlos Magno Medeiros, Elka Macedo, Gleidson Carlos, Luciana Dantas e Raíssa Moraes (Ateliê de Imagem Retrographie), Wellington Gouveia e acervos do CETRA, MOC e SASOP

Gráfica:

Flamar

Tiragem:

10.000 (dez mil) exemplares

Recife/PE, 2015



Trabalhar para a efetivação de políticas públicas de promoção e defesa de direitos, priorizando populações de baixa renda, para a transformação da sociedade.

Rua Marques Amorim, 599 - Ilha do Leite - Recife/PE - CEP 50070-330
Fone (81) 3221.0508 / diaconia@diaconia.org.br / www.diaconia.org.br



Semear agroecologia para uma vida digna no Semiárido.

Avenida Engenheiro Camacho, 475 - Caixa Postal 03 - Renascença - Ouricuri/PE
CEP 56200-000 - Fone/fax (87) 3874.1258 / caatinga@catinga.org.br / www.caatinga.org.br



Plantar mais vida para um mundo melhor, desenvolvendo a agricultura familiar agroecológica e a cidadania.

Rua do Sossego, 355 - Santo Amaro - Recife/PE - CEP 50050-080
Fone/fax (81) 3223.7026 / 3223.3323 / sabia@centrosabia.org.br / www.centrosabia.org.br



Combater a fome e a pobreza no meio rural brasileiro através da promoção da assistência técnica inteiramente gratuita - na linha do desenvolvimento sustentável e da agroecologia - aos pequenos agricultores familiares através de suas comunidades ou organizações, nas áreas (municípios/estados/regiões) em que atua.

Centro Agroecológico São Miguel - BR 104, Km 06 s/n - Esperança/PB - CEP 58135-000
CP 33 - Fones (83) 3361.9040 / 3361.9041 / asptapb@aspta.org.br / www.aspta.org.br



Promover o desenvolvimento rural sustentável e solidário através de ações nos domínios ambiental, econômico, político-social, cultural e de gênero, voltadas para pequenos produtores e famílias de baixa renda.

Rua Capitão Gustavo, 3842 - São João do Tauape - Fortaleza/CE - CEP 60120-140
Fone: (85) 3247.1659 / cetra1981@cetra.org.br / www.cetra.org.br



Consolidar a proposta da Convivência com o Semiárido, visando alcançar a plena qualidade de vida.

Avenida das Nações, 04 - Castelo Branco - Juazeiro/BA - CEP 48907-218
Fone (74) 3611.6481 / Fax (74) 3611.5385 / irpaa@irpaa.org / www.irpaa.org



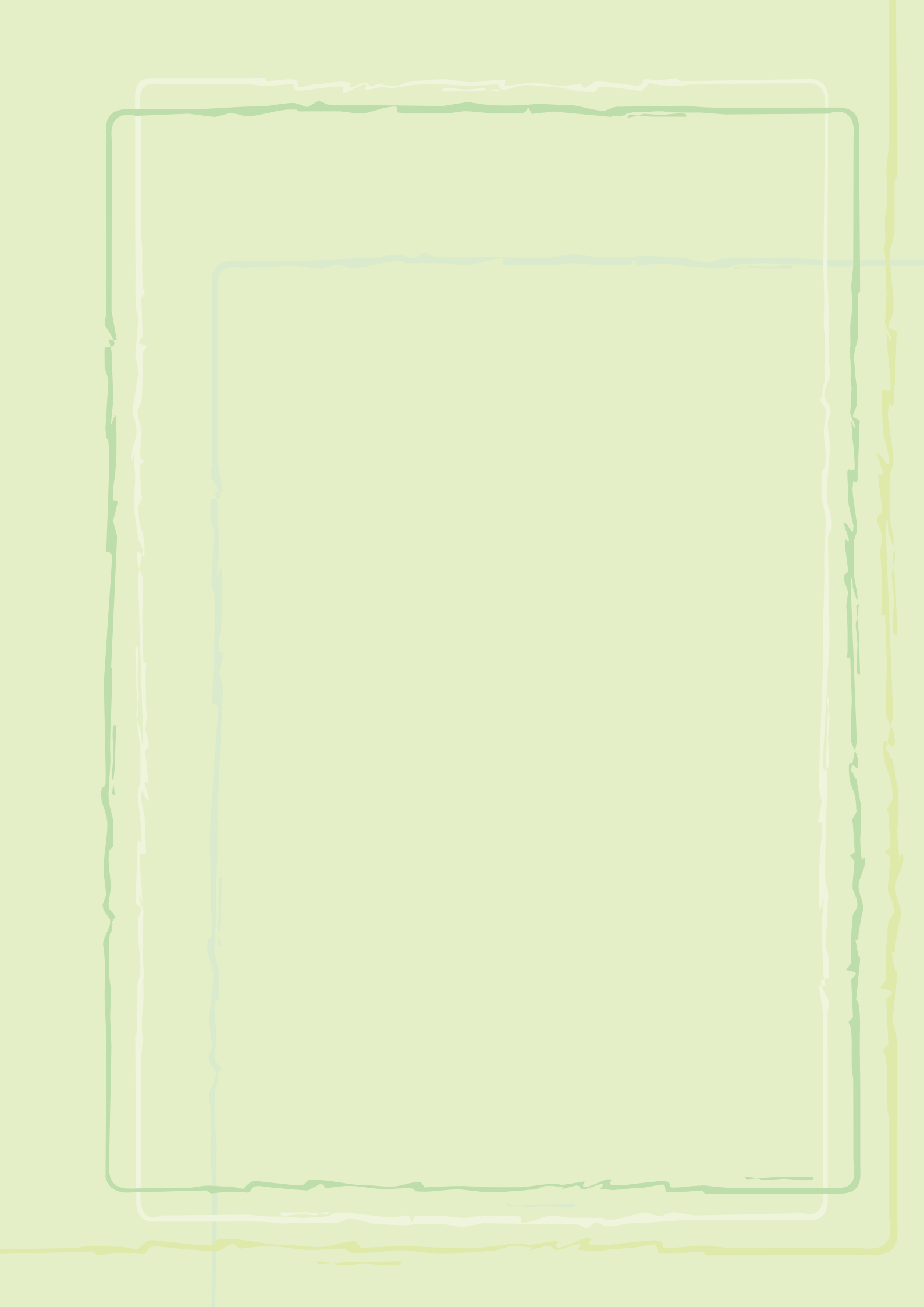
Contribuir para o desenvolvimento integral, participativo e ecologicamente sustentável da sociedade humana, através de capacitação, assessoria educativa, incentivo e apoio a projetos referenciais, buscando o fortalecimento da cidadania, a melhoria da qualidade de vida e a erradicação da exclusão social.

Rua Pontal, 61 - Cruzeiro - Feira de Santana/BA - CEP 44022-052
Fone (75) 3322.4444 / Fax: (75) 3322.4401 / comunica@moc.org.br / www.moc.org.br



Contribuir para o desenvolvimento rural sustentável a partir do fortalecimento da agricultura familiar com base na agroecologia, favorecendo o protagonismo e a conquista da cidadania por agricultores, agricultoras e suas organizações.

Rua Aristides Novis, 101 - Federação - Salvador/BA - CEP 40.210-630
Fones (71) 3335.6048 / 3335.6049 / www.sasop.org.br



Iniciativa



Parcerias



Apoio



Articulações

